



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | **SAFRA 2021/22**
5º LEVANTAMENTO

FEVEREIRO 2022

VOLUME 9
NÚMERO

5

Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Guilherme Augusto Sanches Ribeiro

Diretor-Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Bruno Scalon Cordeiro

Diretor-Executivo Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

José Ferreira da Costa Neto

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

José Jesus Trabulo de Sousa Júnior

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sérgio De Zen

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Candice Mello Romero Santos

Gerência de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Rafael Rodrigues Fogaça

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira

Couglan Hilter Sampaio Cardoso

Eledon Pereira de Oliveira

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Luciana Gomes da Silva

Marco Antonio Garcia Martins Chaves

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe técnica da Geote

Eunice Costa Gontijo

Fernando Arthur Santos Lima

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Rafaela dos Santos Souza

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

Colaboradores

Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão); Fernando Gomes da Motta (Gerpa - milho); Flávia Machado Starling Soares (Gerpa - trigo); João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão); Leonardo Amazonas (Gerpa-soja); Mozar de Araújo Salvador (Inmet); Sérgio Roberto G. S. Júnior (Geiap - arroz).

Colaboradores das superintendências

André Marques (AC); Adeildo Gomes de Santana Júnior e Bruno Barros Iales da Silva (AL); Glenda Queiroz e Thiago Augusto Maia (AM); Ednabel Lima, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro e Orfrezino Ramos (BA); Fábio Barbosa Ferraz, Elibernon Alves da Silva, José Iranildo da Silva Araújo, Luciano Gomes da Silva, Lincoln Sarli Cesar Guedes Lima, Lindeberg da Silva Magalhães, Flavio Henrique Linhares Magalhães, Francisco Antônio de Oliveira Lobato e Adriano José Rodrigues de Oliveira (CE); José Negreiros e Neodir Luiz Talini (DF); Espedito Leite Ferreira, Gerson Menezes de Magalhães, Lucas Cortes Rocha, Michel Fernandes Lima, Rogério César Barbosa, Ronaldo Elias Campos e Zirvaldo Zenid Virgolino (GO); Fernanda Karollyne Saboia do Nascimento, Margareth de Cássia Oliveira Aquino, Raimundo Nonato Araújo de Melo e Rogério Prazeres da Silva (MA); José Henrique Rocha Viana de Oliveira, Warlen César Henriques Maldonado, Alessandro Lúcio Marques, Márcio Carlos Magno, Hélio Maurício Gonçalves de Rezende, Matheus Carneiro de Souza, Samuel Valente Ferreira, Patrícia De Oliveira Sales e Pedro Pinheiro Soares (MG); Adirson Moreno Peixoto, Edson Yui, Getúlio Moreno, Lucílio de Matos Linhares e Marcelo de Oliveira Calisto (MS); Benancil Filho, Daniel Moreira, Gabriel Heise, Ismael Júnior, Patrícia Leite, Raul Azevedo, Rodrigo Slomoszynski e Rogério Souza (MT) Alexandre Augusto Pantoja Cidon e Raimundo Nonato da Cruz Filho (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Herivelton Marculino da Silva, Rodrigo Rogerio da Silva e Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Charles Erig, Daniela Freitas, Itamar Pires de Lima Junior Leônidas Kaminski, Rodrigo Grochoski e Tito Stelmachuk (PR); Edgard Sousa Sobrinho, Hélio de Melo Freitas, Francisco Honorato de Sousa, Antônio Cleiton Vieira da Silva, Thiago Pires de Lima Miranda e Valmir Barbosa de Sousa (PI); Rafael Vagner Oliveira Machado (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcideman Pereira, Janderson Maues do Nascimento e Karina de Melo (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Luciana Dall’Agnese, Marcio Renan Weber Schorr e Iure Rabassa Martins (RS); Marcelo Siste Campos, Ricardo Agustini Paschoal e Ricardo Cunha de Oliveira (SC); José Bonfim de Oliveira Santos Júnior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes e Flaviano Gomes dos Santos (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli e Ivan Donizetti (SP); Felipe Thomaz de Souza Carvalho e Jorge Antonio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Emater-ce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater/RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronomico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Efaeb); Bonco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (SAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agroecuaría do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater/GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater/DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater/MG), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater/RJ); Coordenadoria de Desenvolvimento Rural e Sustentável (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater/RS) e Instituto Rio-Grandense do arroz (Irga).



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2021/22
5º LEVANTAMENTO

Copyright © 2022 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Guilherme dos Reis Rodrigues e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Capa: Acervo Conab

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 9, safra 2021/22, n. 5 quinto levantamento, fevereiro 2022.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

Ficha catalográfica elaborada por Thelma Das Graças Fernandes Sousa CBR-1/1843

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

9	RESUMO EXECUTIVO
16	INTRODUÇÃO
18	ANÁLISE CLIMÁTICA
25	ANÁLISE DAS CULTURAS
25	ALGODÃO
36	ARROZ
46	FEIJÃO
59	MILHO
76	SOJA
91	TRIGO
94	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO



RESUMO EXECUTIVO

Na safra 2021/22, a pesquisa de campo, realizada na última semana de janeiro, mostra um crescimento de 3,8% na área a ser plantada em comparação à safra 2020/21. São estimados 72,3 milhões hectares para este ciclo, correspondendo à incorporação de 2,5 milhões de hectares, influenciados, sobretudo, pelo crescimento da área de soja, de 1.391 mil hectares, e de milho, 962,3 mil hectares.

As áreas das culturas de verão de primeira safra já estão consolidadas, as de segunda safra em início de plantio e as de terceira safra iniciarão o plantio a partir de meados de abril.

Para a produção nacional de grãos, a forte estiagem, verificada nos estados da Região Sul do país e no centro-sul de Mato Grosso do Sul, justifica as perdas expressivas nas produtividades, sobretudo na soja e no milho. Com isso, a produção estimada para esta safra é de 268,2 milhões de toneladas. Esse número é 5% superior à produção da safra anterior, mas comparativamente à primeira estimativa para a atual safra, quando se previa 288,6 milhões de toneladas, representa uma quebra de 7,1% ou 20,4 milhões de toneladas. Comparativamente à estimativa anterior, divulgada em janeiro, observa-se uma perda na produção de 5,7% sobre o volume de 284,4 milhões de toneladas.

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

TABELA 1 - ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA - EM 1.000 HA

Brasil	Estimativa de área plantada			Safras 2020/21 e 2021/22			
Culturas de verão	Safras			Variação			
	20/21	21/22		Percentual		Absoluta	
	(a)	Jan/2022 (b)	Fev/2022 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão	1.370,6	1.542,4	1.536,5	(0,4)	12,1	(5,9)	165,9
Amendoim total	165,6	191,9	192,0	0,1	15,9	0,1	26,4
Amendoim 1ª safra	159,8	186,1	186,1	-	16,5	-	26,3
Amendoim 2ª safra	5,8	5,8	5,9	1,7	1,7	0,1	0,1
Arroz	1.677,7	1.665,7	1.636,6	(1,7)	(2,4)	(29,1)	(41,1)
Arroz sequeiro	374,0	344,0	332,0	(3,5)	(11,2)	(12,0)	(42,0)
Arroz irrigado	1.303,7	1.321,7	1.304,6	(1,3)	0,1	(17,1)	0,9
Feijão total	2.923,4	2.907,2	2.940,3	1,1	0,6	33,1	16,9
Feijão total cores	1.212,0	1.198,7	1.212,2	1,1	-	13,5	0,2
Feijão total preto	361,8	349,8	354,1	1,2	(2,1)	4,3	(7,7)
Feijão total caupi	1.349,6	1.358,7	1.374,0	1,1	1,8	15,3	24,4
Feijão 1ª safra	909,2	890,9	893,8	0,3	(1,7)	2,9	(15,4)
Cores	367,1	353,8	353,2	(0,2)	(3,8)	(0,6)	(13,9)
Preto	162,4	150,4	143,6	(4,5)	(11,6)	(6,8)	(18,8)
Caupi	379,7	386,7	397,0	2,7	4,6	10,3	17,3
Feijão 2ª safra	1.446,4	1.446,5	1.476,7	2,1	2,1	30,2	30,3
Cores	356,9	356,9	371,0	4,0	4,0	14,1	14,1
Preto	182,8	182,8	193,9	6,1	6,1	11,1	11,1
Caupi	906,7	906,8	911,8	0,6	0,6	5,0	5,1
Feijão 3ª safra	567,8	569,8	569,8	-	0,4	-	2,0
Cores	488,0	488,0	488,0	-	-	-	-
Preto	16,6	16,6	16,6	-	-	-	-
Caupi	63,2	65,2	65,2	-	3,2	-	2,0
Gergelim	143,5	143,5	143,5	-	-	-	-
Girassol	31,7	31,2	30,3	(2,9)	(4,4)	(0,9)	(1,4)
Mamona	47,0	50,0	50,1	0,2	6,6	0,1	3,1
Milho total	19.933,3	20.943,7	20.895,6	(0,2)	4,8	(48,1)	962,3
Milho 1ª safra	4.348,4	4.511,0	4.533,5	0,5	4,3	22,5	185,1
Milho 2ª safra	14.999,6	15.847,4	15.776,8	(0,4)	5,2	(70,6)	777,2
Milho 3ª safra	585,3	585,3	585,3	-	-	-	-
Soja	39.195,6	40.399,2	40.586,9	0,5	3,5	187,7	1.391,3
Sorgo	864,6	864,7	841,3	(2,7)	(2,7)	(23,4)	(23,3)
Subtotal	66.353,0	68.739,5	68.853,1	0,2	3,8	113,6	2.500,1
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2022		Percentual		Absoluta	
	(a)	Jan/2022 (b)	Fev/2022 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	503,4	461,7	503,4	9,0	-	41,7	-
Canola	39,1	39,1	39,1	-	-	-	-
Centeio	4,7	4,7	4,7	-	-	-	-
Cevada	111,5	111,5	111,5	-	-	-	-
Trigo	2.739,3	2.739,3	2.739,3	-	-	-	-
Triticale	15,1	15,1	15,1	-	-	-	-
Subtotal	3.413,1	3.371,4	3.413,1	1,2	-	41,7	-
Brasil	69.766,1	72.110,9	72.266,2	0,2	3,6	155,3	2.500,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2022.

TABELA 2 - ESTIMATIVA DA PRODUTIVIDADE DE GRÃOS - EM KG/HA

Brasil	Estimativa da produtividade de grãos			Safras 2020/21 e 2021/22			
Produto	Safras			Variação			
	20/21	21/22		Percentual		Absoluta	
	(a)	Jan/2022 (b)	Fev/2022 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão - caroço (1)	2.509	2.556	2.570	0,6	2,4	14,1	61,1
Algodão em pluma	1.721	1.756	1.765	0,5	2,5	9,1	43,7
Amendoim total	3.604	3.655	3.649	(0,2)	1,2	(5,9)	44,3
Amendoim 1ª safra	3.682	3.717	3.712	(0,1)	0,8	(4,8)	30,6
Amendoim 2ª safra	1.481	1.657	1.650	(0,4)	11,4	(6,3)	169,3
Arroz	7.006	6.832	6.456	(5,5)	(7,9)	(376,7)	(550,7)
Arroz sequeiro	2.464	2.425	2.418	(0,3)	(1,9)	(7,2)	(46,6)
Arroz irrigado	8.309	7.979	7.483	(6,2)	(9,9)	(496,2)	(826,2)
Feijão total	984	1.061	1.041	(1,9)	5,8	(20,1)	56,8
Feijão total cores	1.466	1.548	1.531	(1,1)	4,4	(16,3)	65,0
Feijão total preto	1.315	1.436	1.366	(4,9)	3,9	(70,1)	51,0
Feijão total caupi	462	535	524	(2,0)	13,4	(10,7)	62,0
Feijão 1ª safra	1.074	1.109	1.047	(5,7)	(2,5)	(62,7)	(27,4)
Cores	1.657	1.610	1.575	(2,1)	(4,9)	(34,5)	(82,0)
Preto	1.529	1.611	1.356	(15,9)	(11,3)	(255,6)	(173,1)
Caupi	316	456	465	1,8	47,2	8,3	149,0
Feijão 2ª safra	775	885	889	0,4	14,7	3,3	114,1
Cores	1.223	1.464	1.447	(1,2)	18,3	(17,0)	224,0
Preto	1.178	1.366	1.437	5,2	22,0	71,3	259,1
Caupi	517	561	545	(2,8)	5,5	(15,9)	28,2
Feijão 3ª safra	1.373	1.430	1.425	(0,3)	3,8	(4,9)	52,4
Cores	1.501	1.564	1.564	-	4,2	-	63,1
Preto	725	618	618	-	(14,7)	-	(106,8)
Caupi	559	639	596	(6,7)	6,6	(43,2)	37,1
Gergelim	395	547	547	-	38,4	-	151,8
Girassol	1.143	1.669	1.646	(1,4)	44,0	(23,4)	503,1
Mamona	582	716	715	(0,2)	22,7	(1,5)	132,4
Milho total	4.367	5.391	5.376	(0,3)	23,1	(14,3)	1.009,1
Milho 1ª safra	5.686	5.495	5.390	(1,9)	(5,2)	(105,1)	(296,7)
Milho 2ª safra	4.050	5.443	5.454	0,2	34,7	11,3	1.404,8
Milho 3ª safra	2.711	3.171	3.171	-	17,0	(0,1)	460,0
Soja	3.525	3.478	3.091	(11,1)	(12,3)	(386,4)	(433,3)
Sorgo	2.410	2.856	2.858	0,1	18,6	2,2	447,4
Subtotal	3.709	4.003	3.757	(6,1)	1,3	(246,0)	48,0
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2022		Percentual		Absoluta	
	(a)	Jan/2022 (b)	Fev/2022 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	2.259	2.243	2.281	1,7	1,0	38,0	22,0
Canola	1.399	1.399	1.404	0,4	0,4	5,0	5,0
Centeio	2.340	2.340	2.426	3,7	3,7	86,0	86,0
Cevada	3.812	3.812	3.834	0,6	0,6	22,0	22,0
Trigo	2.803	2.803	2.876	2,6	2,6	73,0	73,0
Triticale	2.848	2.848	2.927	2,8	2,8	79,0	79,0
Subtotal	2.740	2.743	2.803	2,2	2,3	60,0	63,0
Brasil (2)	3.661	3.944	3.712	(5,9)	1,4	(232,2)	50,4

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2022.

TABELA 3 - ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO DE GRÃOS - EM 1.000 T

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2020/21 e 2021/22			
Produto	Safras			Variação			
	19/20	21/22		Percentual		Absoluta	
	(a)	Jan/2022 (b)	Fev/2022 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão - caroço (1)	3.439,0	3.942,5	3.949,3	0,2	14,8	6,8	510,3
Algodão em pluma	2.359,0	2.708,1	2.711,7	0,1	15,0	3,6	352,7
Amendoim total	596,9	701,3	700,5	(0,1)	17,4	(0,8)	103,6
Amendoim 1ª safra	588,4	691,7	690,8	(0,1)	17,4	(0,9)	102,4
Amendoim 2ª safra	8,5	9,6	9,7	1,0	14,1	0,1	1,2
Arroz	11.754,9	11.380,6	10.565,3	(7,2)	(10,1)	(815,3)	(1.189,6)
Arroz sequeiro	921,7	834,2	802,7	(3,8)	(12,9)	(31,5)	(119,0)
Arroz irrigado	10.833,2	10.546,4	9.762,6	(7,4)	(9,9)	(783,8)	(1.070,6)
Feijão total	2.876,3	3.084,0	3.060,1	(0,8)	6,4	(23,9)	183,8
Feijão total cores	1.777,2	1.855,2	1.856,5	0,1	4,5	1,3	79,3
Feijão total preto	475,6	502,2	483,4	(3,7)	1,6	(18,8)	7,8
Feijão total caupi	623,8	726,6	720,2	(0,9)	15,5	(6,4)	96,4
Feijão 1ª safra	976,4	988,4	935,5	(5,4)	(4,2)	(52,9)	(40,9)
Cores	608,4	569,5	556,4	(2,3)	(8,5)	(13,1)	(52,0)
Preto	248,2	242,3	194,6	(19,7)	(21,6)	(47,7)	(53,6)
Caupi	119,9	176,5	184,3	4,4	53,7	7,8	64,4
Feijão 2ª safra	1.120,3	1.280,5	1.312,3	2,5	17,1	31,8	192,0
Cores	436,5	522,6	537,0	2,8	23,0	14,4	100,5
Preto	215,4	249,7	278,6	11,6	29,3	28,9	63,2
Caupi	468,6	508,4	497,0	(2,2)	6,1	(11,4)	28,4
Feijão 3ª safra	779,6	815,0	812,2	(0,3)	4,2	(2,8)	32,6
Cores	732,3	763,1	763,1	-	4,2	-	30,8
Preto	12,0	10,2	10,2	-	(15,0)	-	(1,8)
Caupi	35,3	41,7	38,9	(6,7)	10,2	(2,8)	3,6
Gergelim	56,7	78,5	78,5	-	38,4	-	21,8
Girassol	36,2	52,1	49,9	(4,2)	37,8	(2,2)	13,7
Mamona	27,4	35,8	35,8	-	30,7	-	8,4
Milho total	87.055,1	112.901,9	112.342,8	(0,5)	29,0	(559,1)	25.287,7
Milho 1ª safra	24.726,5	24.786,5	24.434,1	(1,4)	(1,2)	(352,4)	(292,4)
Milho 2ª safra	60.741,6	86.259,1	86.052,8	(0,2)	41,7	(206,3)	25.311,2
Milho 3ª safra	1.586,9	1.856,1	1.856,1	-	17,0	-	269,2
Soja	138.153,0	140.499,6	125.471,3	(10,7)	(9,2)	(15.028,3)	(12.681,7)
Sorgo	2.084,2	2.469,5	2.404,6	(2,6)	15,4	(64,9)	320,4
Subtotal	246.079,7	275.145,8	258.658,1	(6,0)	5,1	(16.487,7)	12.578,4
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2022		Percentual		Absoluta	
	(a)	Jan/2022 (b)	Fev/2022 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	1.137,3	1.035,7	1.148,4	10,9	1,0	112,7	11,1
Canola	54,7	54,7	54,9	0,4	0,4	0,2	0,2
Centeio	11,0	11,0	11,4	3,6	3,6	0,4	0,4
Cevada	425,0	425,0	427,5	0,6	0,6	2,5	2,5
Trigo	7.679,4	7.679,4	7.879,2	2,6	2,6	199,8	199,8
Triticale	43,0	43,0	44,2	2,8	2,8	1,2	1,2
Subtotal	9.350,4	9.248,8	9.565,6	3,4	2,3	316,8	215,2
Brasil (2)	255.430,1	284.394,6	268.223,7	(5,7)	5,0	(16.170,9)	12.793,6

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2021.

TABELA 4 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF – PRODUTOS SELECIONADOS

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados(*)						Safras 2020/21 e 2021/22		
Região/UF	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 20/21	Safra 21/22	VAR. %	Safra 20/21	Safra 21/22	VAR. %	Safra 20/21	Safra 21/22	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3.644,3	3.746,8	2,8	3.360	3.380	0,6	12.245,4	12.665,2	3,4
RR	99,0	100,5	1,5	3.964	3.842	(3,1)	392,4	386,1	(1,6)
RO	657,3	661,8	0,7	3.953	3.812	(3,6)	2.598,4	2.522,5	(2,9)
AC	48,6	51,4	5,8	2.403	2.364	(1,6)	116,8	121,5	4,0
AM	21,7	22,7	4,6	2.516	2.467	(2,0)	54,6	56,0	2,6
AP	8,5	8,7	2,4	1.847	1.989	7,7	15,7	17,3	10,2
PA	1.181,4	1.205,7	2,1	2.995	2.962	(1,1)	3.538,4	3.571,7	0,9
TO	1.627,8	1.696,0	4,2	3.397	3.532	4,0	5.529,1	5.990,1	8,3
NORDESTE	8.534,9	8.892,9	4,2	2.771	2.894	4,4	23.653,4	25.738,9	8,8
MA	1.656,2	1.707,3	3,1	3.609	3.585	(0,7)	5.977,8	6.120,5	2,4
PI	1.629,8	1.746,1	7,1	3.077	3.299	7,2	5.015,3	5.761,1	14,9
CE	942,9	939,4	(0,4)	629	693	10,0	593,5	650,7	9,6
RN	98,0	98,0	-	510	561	10,0	50,0	55,0	10,0
PB	193,5	225,3	16,4	415	522	25,8	80,3	117,6	46,5
PE	464,6	469,4	1,0	536	542	1,1	249,1	254,4	2,1
AL	83,8	83,0	(1,0)	2.548	2.159	(15,3)	213,5	179,2	(16,1)
SE	172,5	172,5	-	4.188	5.449	30,1	722,4	940,0	30,1
BA	3.293,6	3.451,9	4,8	3.264	3.378	3,5	10.751,5	11.660,4	8,5
CENTRO-OESTE	30.153,9	31.462,1	4,3	3.892	4.274	9,8	117.348,1	134.461,2	14,6
MT	17.903,7	18.843,0	5,2	4.081	4.389	7,5	73.073,3	82.699,4	13,2
MS	5.629,8	5.855,0	4,0	3.361	3.603	7,2	18.924,2	21.097,6	11,5
GO	6.454,0	6.597,3	2,2	3.811	4.527	18,8	24.598,3	29.865,2	21,4
DF	166,4	166,8	0,2	4.521	4.790	6,0	752,3	799,0	6,2
SUDESTE	6.270,0	6.440,3	2,7	3.842	4.227	10,0	24.091,3	27.221,2	13,0
MG	3.845,8	3.915,6	1,8	4.002	4.295	7,3	15.392,1	16.819,1	9,3
ES	22,5	22,9	1,8	2.049	2.122	3,6	46,1	48,6	5,4
RJ	2,8	2,8	-	2.571	2.607	1,4	7,2	7,3	1,4
SP	2.398,9	2.499,0	4,2	3.604	4.140	14,9	8.645,9	10.346,2	19,7
SUL	21.163,0	21.724,1	2,7	3.690	3.136	(15,0)	78.091,9	68.137,2	(12,7)
PR	10.339,5	10.538,6	1,9	3.283	3.176	(3,2)	33.941,7	33.471,6	(1,4)
SC	1.346,6	1.389,1	3,2	4.475	4.290	(4,1)	6.026,5	5.959,0	(1,1)
RS	9.476,9	9.796,4	3,4	4.023	2.930	(27,2)	38.123,7	28.706,6	(24,7)
NORTE-NORDESTE	12.179,2	12.639,7	3,8	12.583	3.038	(75,9)	153.246,9	38.404,1	(74,9)
CENTRO-SUL	57.586,9	59.626,5	3,5	1.774	3.854	117,2	102.183,2	229.819,6	124,9
BRASIL	69.766,1	72.266,2	3,6	3.661	3.712	1,4	255.430,1	268.223,7	5,0

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2021.



INTRODUÇÃO

O clima está bastante desafiador para a safra brasileira de grãos. Se por um lado chove abundantemente no Sudeste, Centro-Oeste e Matopiba, por outro lado, a Região Sul enfrenta a maior estiagem da história recente para as culturas de primeira safra, com impacto significativo na produção nacional.

Além do desafio climático, as dificuldades impostas pela pandemia de Covid-19 persistem. Muitas adequações foram feitas em tempo real para o levantamento, análise e tratamento dos dados, viagens em campo e produção das informações. Neste contexto, agradecemos o comprometimento e cooperação de todos os nossos parceiros listados na página 5 deste boletim. Assim, é com este espírito colaborativo que a Conab mantém-se regular na publicação de seu boletim mensal de safra, com informações atualizadas da produção brasileira de grãos.

Seguindo a metodologia de levantamento de safras, a Conab utilizou-se de mapeamento de culturas, modelos estatísticos e preditivos de produtividade, além dos levantamentos a campo e acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais para finalização dos números desse boletim.

Como parte do aprimoramento dos levantamentos e análises dos dados de safra, desde outubro de 2020, a Conab passou a divulgar, semanalmente, o progresso de safras das principais culturas, disponível neste site <<https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/progresso-de-safra>>. Nos arquivos de progresso de safra é possível acompanhar a evolução do plantio, colheita, fenologia e as condições das principais culturas.



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE JANEIRO

Grandes volumes de chuva e altas temperaturas foram os destaques no primeiro mês de 2022. Acumulados de chuva acima da média ocorreram nas Regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste. Na Região Sul, o maior destaque foi a onda de calor.

Na Região Nordeste, janeiro foi marcado pelas fortes chuvas que atingiram o estado do Maranhão, Piauí e oeste da Bahia, com volumes entre 200 e 350 mm. Também foram observados volumes significativos no Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, com totais entre 90 e 250 mm.

De modo semelhante, a Região Norte teve um mês bastante chuvoso em grande parte do seu território, com acumulados mensais predominantemente na faixa entre 200 e 350 mm. Exceto em Roraima, com totais entre 50 e 120 mm.

No Centro-Oeste, os maiores volumes acumulados foram observados em Mato Grosso, oeste de Goiás e nordeste de Mato Grosso do Sul, com totais,

¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet - Brasília.

predominantemente, entre 250 e 400 mm, dentro da faixa normal do período ou mesmo acima. Os volumes foram menores no Distrito Federal, oeste de Goiás e no sul de Mato Grosso do Sul, os totais ficaram entre 90 e 230 mm, resultando em áreas com chuvas abaixo da média.

No Sudeste, o mês foi bastante chuvoso em todos os estados, principalmente, no centro-sul de Minas Gerais, com totais entre 300 e 600 mm. Também houve volumes significativos no Rio de Janeiro, Sul do Espírito Santo e em São Paulo, com totais entre 150 e 350 mm. As chuvas intensas, na última semana do mês, com intensidade de mais de 60 mm em 24 horas, causaram alagamentos e transbordamento de rios em vários municípios em São Paulo.

Na Região Sul, mesmo com chuvas mais regulares em comparação ao mês anterior, a chuva registrada em janeiro não foi suficiente para atingir a média em toda a região. Os maiores volumes, com totais entre 100 e 250 mm, ocorreram no Paraná e no leste de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Porém, nas demais áreas, os totais acumulados ficaram entre 60 e 100 mm. A região também foi atingida por uma onda de calor com máximas entre 35 e 42 °C em vários municípios, principalmente, no Rio Grande do Sul, destaque para Uruguaiana, com 42,1 °C no dia 20.

FIGURA 1 - MAPA DE PRECIPITAÇÃO ACUMULADA EM JANEIRO DE 2022



Fonte: Inmet.

Disponível em: <https://tempo.inmet.gov.br/PrecAcumulada>.

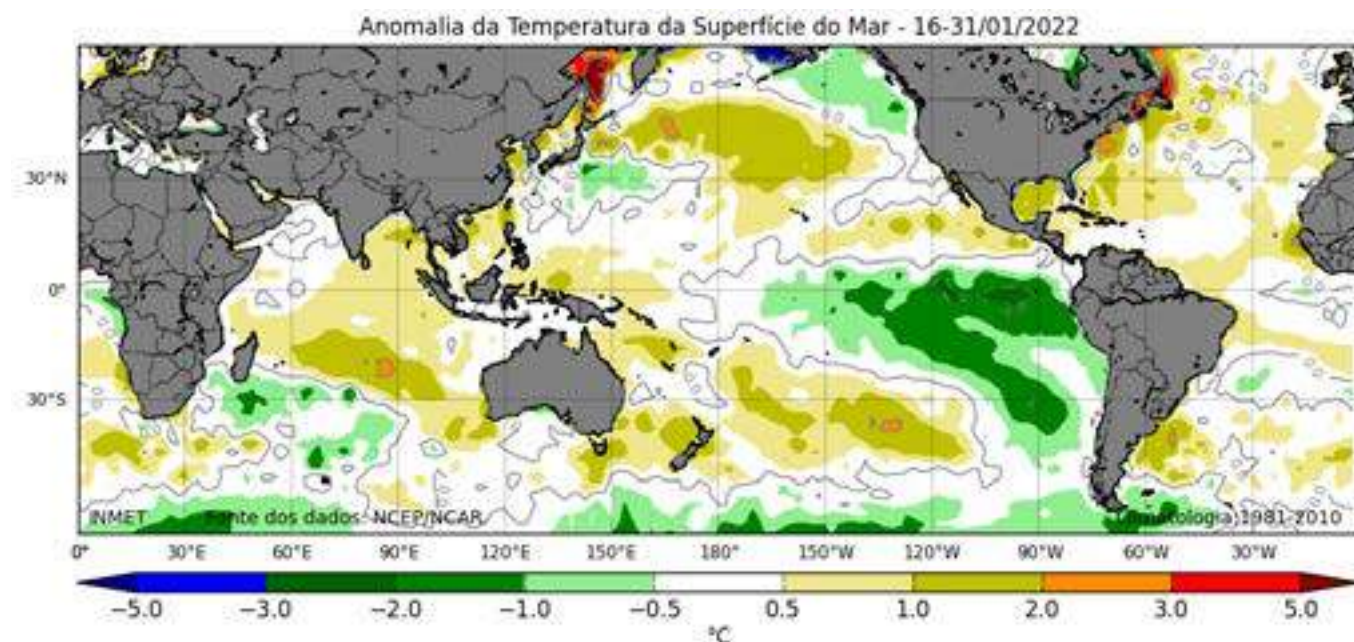
CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Em janeiro, provavelmente, a fase fria das anomalias de temperatura da superfície do mar (TSM) e La Niña tenham atingido o seu máximo. Foram observadas anomalias negativas de até -2°C de TSM na segunda quinzena.

Os registros diários da TSM no Oceano Pacífico Equatorial nas últimas semanas mostram um padrão de sinal negativo por volta de -1°C na área conhecida como El Niño/La Niña 3.4 (entre 170°W - 120°W), como pode ser observado no gráfico diário de anomalia de TSM. Contudo, a última semana de janeiro mostra uma elevação nas temperaturas, indicando uma provável tendência de enfraquecimento gradativo da La Niña e aproximação de uma fase de neutralidade.

Considera-se que o Oceano Pacífico Equatorial está na fase neutra quando as anomalias médias de TSM estão entre $-0,5^{\circ}\text{C}$ e $+0,5^{\circ}\text{C}$ durante alguns meses.

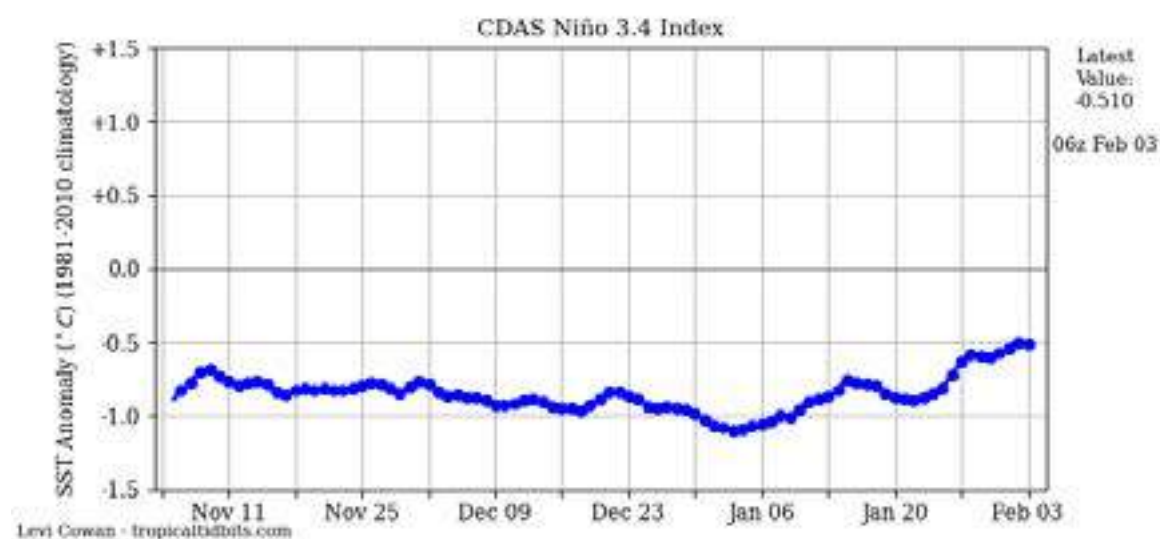
FIGURA 2 - MAPA DE ANOMALIAS DA TSM NO PERÍODO DE 16 A 31/1/2022



Fonte: Tropical Tidbits.

Disponível em: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

GRÁFICO 1 - MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE *EL NIÑO*/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4

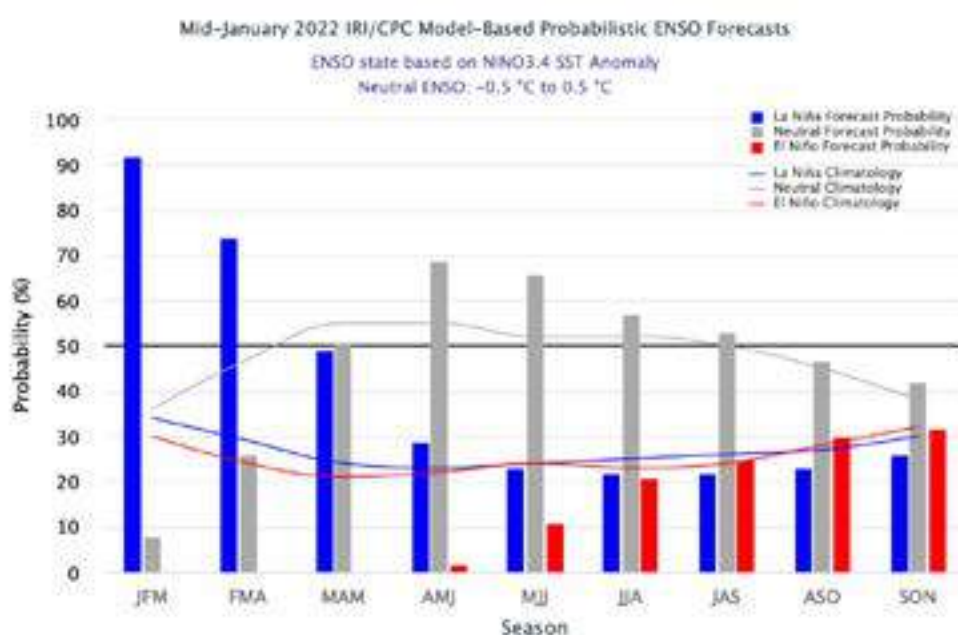


Fonte: Tropical Tidbits.

Disponível em: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

Os modelos de previsão de El Niño/La Niña apresentam probabilidade de 75% de manutenção de uma nova fase de La Niña no trimestre fevereiro, março e abril de 2022. Os modelos também indicam maior probabilidade de que o Oceano Pacífico deva entrar em uma fase de neutralidade entre abril e maio.

GRÁFICO 2 - PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE *EL NIÑO* OU *LA NIÑA*



Fonte: IRI.

Disponível em: <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>.

PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO FEVEREIRO-MARÇO-ABRIL/2022

Para a Região Sul, as previsões climáticas indicam um predomínio de áreas com maior probabilidade de chuvas abaixo da média. Os desvios negativos de chuvas devem ser mais acentuados no Rio Grande do Sul e parte de Santa Catarina. No entanto, em fevereiro, algumas áreas do Paraná e de Santa Catarina podem ter acumulados de chuva próximos ou acima da média.

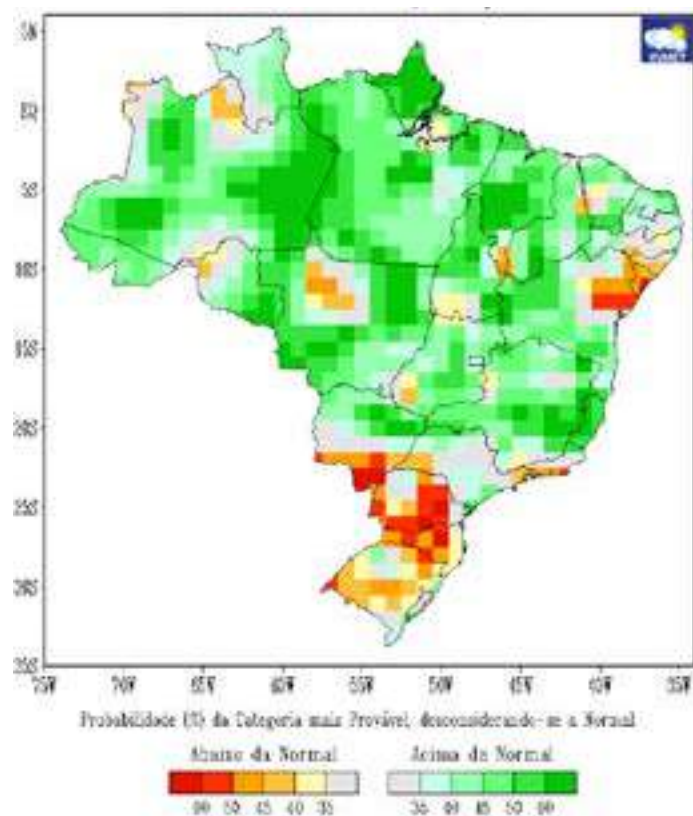
Para a Região Centro-Oeste, a previsão indica predomínio de áreas com probabilidades de chuvas acima da média ou dentro da faixa normal do período.

Também no Sudeste, a previsão indica predomínio de áreas com probabilidades de chuvas acima da média ou dentro da faixa normal do período. Em fevereiro, as previsões apontam para a possibilidade de áreas com chuvas acima da média em todos os estados, com maior concentração principalmente nas duas primeiras semanas.

No Nordeste há predomínio de áreas com probabilidade de chuvas na faixa normal ou acima na região. No norte da Bahia, Sergipe e Alagoas há o risco de chuvas mais irregulares, podendo ficar abaixo da média. Em fevereiro, os maiores volumes devem ocorrer no Maranhão e no Piauí.

Na Região Norte há predomínio de áreas com probabilidade de chuvas acima da média ou dentro da faixa normal do período.

FIGURA 3 - PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE FEVEREIRO-MARÇO-ABRIL/2022



Fonte: Inmet.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do site do Inmet (<https://portal.inmet.gov.br>).

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

1.536,5 mil ha
+12,1%

PRODUTIVIDADE

1.765 kg/ha
+2,5%

PRODUÇÃO

2.711,7 milhões t
+15%

Comparativo com safra anterior
Algodão em pluma
Fonte: Conab.

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 1.385,6 mil t
PRODUÇÃO 2.711,7 mil t
IMPORTAÇÕES 1 mil t
4.098,3 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 765 mil t
EXPORTAÇÕES 2.050 mil t
2.815 mil t

Com a evolução da semeadura das culturas de segunda safra de 2021/22, cerca de 80% da área destinada à produção de algodão já está semeada no país. Em relação à safra 2020/21, há um aumento de 12,1% na área a ser destinada ao cultivo do algodão, passando de 1.370,6 para 1.536,5 mil hectares neste ano-safra.

Diante do aumento da área cultivada, das condições climáticas favoráveis à semeadura, germinação e desenvolvimento vegetativo, assim como a

semeadura dentro da correta janela de plantio do algodão, a produção nacional estimada do grão é de 6.661,0 milhões de toneladas.

Ressalta-se a importância de Mato Grosso e da Bahia na produção nacional de algodão, produzindo 6.013,4 milhões de toneladas, o que representa 90,3% da produção nacional. Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Maranhão, Piauí, Tocantins, Rondônia e São Paulo, com produção de 632,3 mil toneladas, representam 9,5% da produção nacional, de modo que 0,2% está disperso no Ceará, Paraná, Alagoas e Rio Grande do Norte com 15,3 mil toneladas.

OFERTA E DEMANDA

Neste quinto levantamento, a perspectiva da Conab é de um aumento de 12,1% na área a ser destinada ao algodão, totalizando 1.536 mil hectares. Para a produtividade, é indicado um aumento esperado de 2,5%. Isso totalizaria uma produção de 2,71 milhões de toneladas, valor 15% acima do produzido na safra 2020/21. Na safra passada, a janela ideal de plantio foi perdida por muitos produtores devido ao atraso da colheita da soja, o que colaborou para que muitos deixassem de plantar o algodão. Já na safra atual, isso não ocorreu. Somado a isso, os preços extremamente altos da pluma contribuíram para esse aumento esperado da área a ser plantada. Veja que em 1º de janeiro de 2021, a cotação média da arroba da pluma em Mato Grosso estava em R\$120,93, em 1º de fevereiro de 2022 a cotação foi de R\$ 227, valorização de 87%. Apesar da forte elevação dos custos de produção, a rentabilidade é extremamente atrativa para o produtor.

De acordo com dados preliminares do Ministério da Economia, foram embarcadas em janeiro de 2022 um volume de 199,36 mil toneladas de

algodão. Com média diária de 9,49 mil toneladas, ante 13,69 mil toneladas no mesmo mês em 2021, apresentando redução de 30% no volume diário exportado. A receita com essas vendas externas foi de US\$ 380,62. Além da menor oferta, problemas logísticos afetam o desempenho das exportações. Para 2022, a Conab estima uma exportação de 2,05 milhões de toneladas, bem próxima da ocorrida no ano de 2021, que foi de 2,01 milhões de toneladas.

Já em relação ao consumo em 2022, a expectativa é de 765 mil toneladas, volume 6,2% superior ao que era esperado pela Associação Brasileira das Indústrias Têxteis (Abit) para 2021, que foi de 720 mil toneladas. Esse aumento esperado se dá diante da expectativa de retomada da economia, com o controle da pandemia. Contudo, as consecutivas revisões para baixo em relação ao crescimento do PIB brasileiro preocupa o setor industrial, pois compromete a demanda no setor de têxteis.

TABELA 5 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2015/16	712,9	1.289,2	27,0	2.029,1	640,0	804,0	585,1
2016/17	585,1	1.529,5	33,6	2.148,2	685,0	834,1	629,1
2017/18	629,1	2.005,8	30,0	2.664,9	670,0	974,0	1.020,9
2018/19	1.020,9	2.778,8	1,7	3.801,4	700,0	1.613,7	1.487,7
2019/20	1.487,7	3.001,6	1,0	4.490,3	600,0	2.125,4	1.764,9
2020/21	1.764,9	2.355,7	1,0	4.121,6	720,0	2.016,0	1.385,6
2021/22	jan/21	1.385,6	2.708,1	1,0	4.094,7	765,0	1.279,7
	fev/22	1.385,6	2.711,7	1,0	4.098,3	765,0	1.283,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2022.

Estoque de Passagem - 31 de Dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL – SAFRA 2021/22

Mato Grosso é responsável pelo cultivo de 69,6% de todo o algodão nacional. Na safra 2021/22, serão destinados à cotonicultura 1.093,0 mil

hectares. O cultivo na janela de primeira safra corresponde a 12,2% do total de algodão cultivado no estado e está com a semeadura finalizada. Por outro lado, as lavouras de segunda safra estão em reta final de semeadura, restando 27% da área destinada a ser semeada. As condições climáticas são favoráveis tanto para a semeadura restante quanto para a germinação e desenvolvimento vegetativo das lavouras. O manejo de pragas e dos tratos culturais são realizados normalmente. A colheita ocorre em junho e julho, e a produção será de 4.635,4 mil toneladas de algodão em caroço.

A Bahia é o segundo maior produtor nacional de algodão e, na safra 2021/22, cultivará 290,6 mil hectares da cultura, valor 9% superior à safra passada. A região centro-sul e extremo-oeste são as principais regiões produtoras do estado. A semeadura na região do centro-sul já está finalizada, visto que chuvas de dezembro afetaram o desenvolvimento vegetativo inicial da lavoura, porém possibilitaram uma reserva de água no solo que, combinado com as boas condições climáticas atuais, estão favorecendo à cultura. Os 14% restantes das áreas destinadas à cotonicultura da safra atual são semeados na região extremo-oeste e ocorre em sucessão à colheita da safra de soja. Foram observadas perdas pontuais nessa região devido às chuvas intensas em janeiro, porém não há expectativas de perdas generalizadas. Sobrepondo as condições climáticas não favoráveis do início de janeiro, as atuais estão adequadas para o bom desenvolvimento vegetativo das lavouras. A colheita está prevista para ocorrer de junho a setembro de 2022, e a produção estadual será de 1.378,0 mil toneladas de algodão em caroço.

Goiás, na safra 2021/22, destinará 30,0 mil hectares à cotonicultura. Com a semeadura da primeira safra quase completa e com o avanço da semeadura da segunda safra, o estado alcança a semeadura de 90% da área destinada ao cultivo do algodão. As chuvas, que ocorreram

durante janeiro, impactaram na semeadura da segunda safra, assim como no calendário de tratamentos fitossanitários, o que prejudicou o estabelecimento e desenvolvimento da cultura em algumas regiões. Em algumas áreas da região leste do estado, foi necessário realizar a ressemeadura, a exemplo de Cristalina, onde chegaram a ser replantados 1.000 hectares de lavoura. O início da colheita está previsto para ocorrer na segunda quinzena de junho de 2022 e será de 137,3 mil toneladas de algodão em caroço.

No Maranhão, a semeadura do algodão de primeira e segunda safras já está finalizada, e a área destinada ao cultivo do algodão é de 27,2 mil hectares, valor 6,3% superior à safra anterior. O excesso de chuvas atrasou o início da semeadura da primeira safra de algodão, embora o clima esteja propício para a germinação e desenvolvimento da lavoura. Os municípios de Tasso Fargoso e Balsas concentram as áreas de cultivo do algodão do estado e são responsáveis pela produção das 118,3 mil toneladas do produto, valor 6,4% maior em relação à safra de 2020/21. O aumento de produção da cultura do algodão é justificado, principalmente, por causa do aumento de 31% da área destinada ao cultivo de segunda safra, uma vez que tanto a produtividade quanto a área de plantio de primeira safra permaneceram praticamente constantes. A colheita está prevista para ocorrer entre junho e setembro de 2022.

Minas Gerais dedicará 27,1 mil hectares à cotonicultura na safra de 2021/22, o que indica uma redução de 14,8% em relação à safra passada. Com início da semeadura em dezembro, 90% das áreas já destinadas ao cultivo do algodão já foram semeadas. As condições climáticas nas regiões produtoras favorecem a semeadura, germinação e desenvolvimento da lavoura. A previsão de colheita é entre junho e agosto, e a produção do estado para a safra de 2021/22 é de 110,2 mil toneladas de algodão em

caroço, valor 6,9% abaixo do que a safra passada.

A área destinada para cultivo de algodão em Mato Grosso do Sul, para a safra de 2021/22, é de 25,5 mil hectares. Tanto a primeira safra, que representa 94,5% do total da área destinada à cotonicultura no estado, quanto a segunda, já foram semeadas. Na região centro-oeste, que representa 96% da área de cultivo do estado, parte das lavouras está em emergência e outra em desenvolvimento vegetativo, e as condições climáticas são favoráveis, mesmo assim os produtores estão atentos à mela por causa da alta umidade. Na região centro-sul do estado, as lavouras iniciam a fase de florescimento, visto que a deficiência hídrica nessa região foi responsável pela redução do porte das plantas, embora as condições climáticas atuais estão favoráveis à continuidade do ciclo do algodão. A colheita da safra está prevista para ocorrer entre junho e julho, e a produção será de 120,2 mil toneladas de algodão em caroço.

A área destinada ao cultivo do algodão na safra de 2021/22 no Piauí é de 15,7 mil hectares, valor 63,5% superior em relação à de 2020/21. A semeadura, que teve início em dezembro do ano passado, já foi finalizada, e as lavouras encontram-se em desenvolvimento vegetativo, uma vez que as condições climáticas são favoráveis à cultura. Os preços atrantes do mercado, consequência do aumento da demanda do algodão, estimularam os produtores piauienses a destinarem suas áreas à cotonicultura. Como consequência do aumento das áreas destinadas à cultura, a produção do estado na safra de 2021/22 será de 68,6 mil toneladas de algodão em caroço, valor 55% superior em relação à safra passada, uma vez que a colheita da atual safra ocorrerá entre julho e agosto.

A produção de algodão da safra 2021/22 em São Paulo é de 53,20% em comparação à safra anterior, totalizando 28,7 mil toneladas algodão em

caroço. Essa expressiva variação ocorreu devido ao aumento da área cultivada no estado, que passou de 4.700 hectares para 7.200 hectares destinados à cotonicultura, fator principal para o aumento da produção, pois a produtividade manteve-se constante em 3.980 kg/ha, tanto na safra 2020/21 quanto na safra 2021/22. A região sudoeste, como os municípios de Avaré, Itapeva e Parapanema, já foi realizada a semeadura de 100% da área destinada à cotonicultura, uma vez que o desenvolvimento vegetativo das lavouras foi beneficiadas pelas altas temperaturas aliadas à baixa precipitação nos estágios iniciais da cultura, e reguladores de crescimento foram utilizados para mitigar essa situação nas lavouras da região, mesmo assim a floração e o enchimento de grãos estão dentro do normal. Ressalta-se a presença de algumas doenças como o bicudo, pulgão, mofo-branco e ácaros foram observadas, porém estão dentro da normalidade prevista. A região noroeste, como os municípios de Presidente Venceslau e Votuporanga, que iniciou a semeadura do algodão no início da primeira quinzena de janeiro, está com 80% da área destinada à cotonicultura semeada. As condições climáticas da região são favoráveis tanto para a semeadura quanto para a emergência e desenvolvimento vegetativo da lavoura.

No Tocantins, os municípios de Miracema, Dianópolis e Campos Lindos são os principais produtores de algodão do estado e concentram os 5,3 mil hectares da lavoura. A semeadura está em fase final apenas no município de Miracema e é favorecida pelas boas condições climáticas da região, assim como o desenvolvimento vegetativo da lavoura. Mesmo com o aumento da produtividade desta safra, a produção no estado é 20% inferior em relação à safra passada, totalizando 19,0 mil toneladas do produto. Essa redução de produção ocorre por causa da diminuição de 25,3% das áreas destinadas à cotonicultura da região, substituídas, principalmente, pelo cultivo da soja. A previsão de colheita da safra 2021/22

no estado será entre junho e julho.

O Ceará, na safra 2021/22, irá cultivar 2,8 mil hectares de algodão. A semeadura ocorre entre fevereiro e março, e, no momento, esperam-se as chuvas para o início da semeadura do algodão. A colheita da safra 2021/22 ocorrerá entre julho e agosto deste ano, e a produção será de 6,4 mil toneladas de algodão em caroço.

Apesar de pouca expressividade no cultivo de algodão no cenário nacional, o Paraná, na safra 2021/22, dedicou 1.200 hectares à cotonicultura. A semeadura ocorreu em novembro e dezembro, visto que as condições climáticas não foram muito favoráveis na semeadura, emergência e início do desenvolvimento vegetativo, ainda não é possível configurar que ocorra alguma perda na produtividade esperada. A época de colheita do algodão será entre abril e maio, e a produção do estado será de 3,6 mil toneladas.

Em Alagoas, a colheita do algodão está finalizada. As condições climáticas foram favoráveis ao ciclo da lavoura. O estado concentra sua produção de algodão nos municípios de Penedo e Anadia, sendo que 1.000 hectares foram destinados à cotonicultur, redução de 3,5% em relação à safra passada. A produção na safra 2021/22 foi 2,3 mil toneladas de algodão em caroço. O início da semeadura da próxima safra de algodão ocorrerá logo após a colheita da lavoura de soja ou milho, que deve ocorrer a partir de junho.

O Rio Grande do Norte, na safra 2021/22, irá cultivar 300 hectares de algodão, não havendo variação em relação à safra passada. A semeadura ocorre, principalmente, de julho a agosto, e a colheita em dezembro e janeiro, posto que o município de Touros é o principal produtor do estado. Na atual safra, a produção será de 1.200 toneladas.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – ALGODÃO

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
UF	Mesorregiões	Algodão - Safra 2020/2021											
		NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra		S/E	DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C		
	Sul Maranhense - 2ª Safra			S/E	E/DV	DV	F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano	S	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	M/C	C		
	Centro Sul Baiano	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C		
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra		S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra		S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM/M	M/C	M/C	C	C		
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		S/E/DV	DV	F	F/FM/M	FM/M/C	M/C	M/C	C	C		
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
GO	Leste Goiano - 1ª Safra	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Leste Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Sul Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



Foto 1 – Alto das Garças - MT

Fonte: Conab.

Foto 2 – Baixa Grande do Ribeiro - PI



Fonte: Conab.



Foto 3 – Costa Rica - MS

Fonte: Conab.

Foto 4 – Algodão em MT



Fonte: Conab.

Foto 5 – Vilhena - RO



Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.636,6 mil ha
-2,4%

PRODUTIVIDADE

6.456 kg/ha
-7,9%

PRODUÇÃO

10.565,3 mil t
-10,1%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 2.542,4 mil t
PRODUÇÃO 10.565,3 mil t
IMPORTAÇÕES 1.000 mil t
14.107,7 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 10.800 mil t
EXPORTAÇÕES 1.400 mil t
12.200 mil t

A safra brasileira de arroz deverá apresentar, na temporada 2021/22, redução de 2,4% na área plantada em comparação à safra anterior, atingindo 1.636,6 mil hectares, enquanto a produção passará a atingir 10.565,3 mil toneladas, uma redução de 10,1% em relação à safra 2020/21.

A questão climática no Brasil, que compromete o desempenho das safras e que tanto preocupa o produtor rural no quadro atual, é apontada como um dos fatores determinantes para as expectativas da safra 2021/22.

A área de arroz irrigado é estimada em 1.304,6 mil hectares, incremento de 0,1% em relação à safra anterior. Quanto ao arroz de sequeiro, a previsão é de redução de área em 11,2% em relação à safra 2020/21. No final de janeiro, 99% das lavouras já haviam sido semeadas no país.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a safra 2021/22 de arroz será 10,1% menor que a safra 2020/21, projetada em 10,6 milhões de toneladas. Esse resultado é reflexo principalmente da estimativa de significativa redução da produtividade (-7,9%) em conjunto com a projeção de redução de área da cultura (-2,4%), com base em verificação em campo realizada pelos colaboradores das

Superintendências Regionais.

Mais especificamente sobre a produtividade, após um clima extremamente favorável na última safra, o cenário de anormalidade climática, identificado na safra 2021/22, reflexo do fenômeno La Niña, deverá, possivelmente, acarretar em intensa queda da produtividade. Sobre a menor área, no Rio Grande do Sul, principal estado produtor, ilustra-se o baixo nível dos reservatórios e dos açudes, o qual resultou em abandono de parcela da área plantada. Ademais, para o restante do Brasil, a estimativa é também de retração, neste caso, a dinâmica é reflexo principalmente da maior rentabilidade da soja perante o arroz, fato que foi intensificado com a desvalorização do arroz e com a elevação dos insumos produtivos ao longo de 2021.

Especificamente sobre o quadro de oferta e demanda do arroz, neste quinto levantamento, houve importantes alterações dos números apresentados no quarto levantamento em relação à safra 2021/22, com o reajuste para baixo da produção e do consumo do grão. Mais especificamente sobre o menor consumo, destacam-se, como principais fatores para esta projeção, a estimativa atual de recuperação dos preços do produto e do crescimento da renda média do brasileiro, dado que o arroz é historicamente um bem de elasticidades-renda negativa.

Sobre a balança comercial, para as exportações, a perspectiva é que haja incremento do volume comercializado para 1,4 milhão de toneladas, com a valorização do mercado orizícola internacional e a alta demanda dos principais países importadores. Para as importações, estima-se uma estabilidade do volume em 1 milhão de toneladas. Como resultado, projeta-se um cenário de diminuição dos estoques finais da cultura do arroz, totalizando um montante de 1,9 milhão de toneladas em dezembro de 2022.

TABELA 6 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2015/16	2.121,9	10.603,0	1.044,1	13.769,0	11.096,6	935,5	1.736,9
2016/17	1.736,9	12.327,8	1.141,7	15.206,4	12.215,7	868,8	2.121,9
2017/18	2.121,9	12.064,2	842,7	15.028,8	10.793,7	1.809,3	2.425,8
2018/19	2.425,8	10.483,6	1.012,5	13.921,9	10.544,6	1.432,3	1.945,0
2019/20	1.945,0	11.183,4	1.280,8	14.409,2	10.708,3	1.813,4	1.887,5
2020/21	1.887,5	11.754,9	1.000,0	14.642,4	11.000,0	1.100,0	2.542,4
2021/22	jan/22	2.542,0	11.380,6	1.000,0	14.922,6	11.000,0	2.522,6
	fev/ 22	2.542,4	10.565,3	1.000,0	14.107,7	10.800,0	1.907,7

Nota: Estimativa em fevereiro/2022.

Estoque de Passagem - Arroz: 31 de Dezembro.

Fonte: Conab.

ANÁLISE ESTADUAL – SAFRA 2021/22

No Rio Grande do Sul, o arroz irrigado primeira safra em janeiro apresentou clima muito seco em praticamente todo o estado, com ocorrência de chuvas mal distribuídas, em volumes muito variáveis e concentradas em seu terço final. Isso agravou a situação dos reservatórios de água para irrigação, sendo parte significativa das lavouras devendo ser manejada de forma a economizar água, o que reduziu o potencial produtivo das lavouras. As regiões mais afetadas pela falta de água são a Fronteira Oeste, Campanha e Central. Somente na zona sul as condições são sensivelmente melhores. Na Fronteira Oeste, a mais severamente afetada, estima-se que apenas metade das lavouras tenha água disponível. Na região Central, rios com pouca vazão não têm mais água e as barragens secam rapidamente. No Sul e Planícies Costeiras, onde se utiliza água das lagoas, tem se verificado a salinização nestes locais. Outro problema é a ocorrência de altas temperaturas, com registros em torno de 10 dias com temperaturas por volta de 40 °C. Isso, de forma isolada ou somado à falta da lâmina de irrigação, tem causado esterilidade floral e abortamento nas lavouras nesse estágio. As demais lavouras estão em enchimento de grãos com 23%, maturação com 4% e 21% em fase final do desenvolvimento vegetativo e transição para a fase reprodutiva. Já foi identificado uma redução de produtividade na ordem de

11% em relação à safra anterior.

Em Santa Catarina, a semeadura do arroz irrigado primeira safra foi concluída, e a condição de desenvolvimento das plantas é considerada ótima ou boa em 85% das lavouras. Na região sul do estado, a estiagem tem provocado a redução hídrica de forma drástica em alguns tabuleiros, faltando água na fase mais crítica para a cultura. Considerando o estado como um todo, a faixa leste, litoral sul e norte é a região menos impactada pela estiagem, visto que os tabuleiros são abastecidos por rios perenes.

No Tocantins, na região de Formoso do Araguaia, o arroz irrigado iniciou a fase de colheita, com 10% da área colhida. A qualidade do grão foi afetada pelo ataque da “brusone do arroz” nos cachos. Na região da Lagoa da Confusão houve danos ocasionados pelo excesso de chuvas. Já no cultivo do arroz de sequeiro, as lavouras estão em boas condições de desenvolvimento.

Em Goiás, no arroz irrigado primeira safra, na região de Flores de Goiás, ocorreram inundações devido ao excesso de precipitação. Na fase inicial de colheita houve dificuldades na execução, onde a drenagem deficiente também impediu novos plantios programados para janeiro. Foram relatados aumentos na incidência de doenças relacionadas à brusone e a queima da bainha. As chuvas prejudicaram as lavouras que se encontravam próximas ao período de colheita, com relatos de perda total em alguns talhões. Dessa maneira, é estimado uma queda na produção total nas regiões atingidas.

Com relação ao plantio do arroz de sequeiro primeira safra, as precipitações observadas desde o início do período chuvoso condicionaram uma umidade adequada no solo para o pleno desenvolvimento vegetativo da cultura. As lavouras seguem em pleno desenvolvimento vegetativo e início da floração sem relatos de condições desfavoráveis.

Em Mato Grosso, no arroz de sequeiro primeira safra, o regime de chuvas intensas na parte norte do estado, principal região produtora, está suprimindo bem a necessidade hídrica da cultura. A maior parte das lavouras está com boa sanidade vegetal. O estágio de desenvolvimento vegetativo abrange a maioria das áreas, com algumas lavouras semeadas mais cedo estando em floração e enchimento de grãos. Os baixos preços praticados durante toda a entressafra têm contribuído com a forte retração de área da cultura do arroz no estado. Calcula-se recuo na ordem de 27%, de 114 mil hectares para 83,2 mil hectares.

No Maranhão foi realizado o cultivo nos municípios de Arari, Vitória do Mearim, Viana e Cajari, na Baixada Maranhense, região norte do estado; e no município de São Mateus do Maranhão, no Médio Mearim, região centro maranhense. A colheita do arroz ocorreu de outubro de 2021 a janeiro de 2022. Nos municípios de Arari e Vitória do Mearim, a área plantada correspondeu a 4.770 hectares. Em janeiro de 2022, a colheita foi concluída dentro do esperado, obtendo um rendimento médio em torno de 6.000 kg/ha. A área plantada com arroz irrigado do município de São Mateus do Maranhão, com 200 hectares, obteve rendimento médio de 6.000 kg/ha. As lavouras de Viana e Cajari, de 290 hectares de arroz irrigado, alcançaram 4.400 kg/ha. As lavouras de arroz irrigado no estado apresentaram aumento de área.

Já em relação ao plantio de arroz de sequeiro no estado, as primeiras lavouras foram semeadas na região do Médio Mearim, no centro do estado, e na Baixada Maranhense, no norte do estado. O plantio dessas áreas foi quase concluído em janeiro de 2022, mas ainda não finalizado devido ao excesso de chuvas no Médio Mearim. Até janeiro de 2022 cerca de 95% das áreas de arroz de sequeiro foram semeadas. As lavouras estão em emergência e desenvolvimento vegetativo. E no leste maranhense,

a redução de chuvas na segunda quinzena do mês adiou a conclusão do plantio, que ocorrerá até início de fevereiro de 2022.

Em São Paulo, o cultivo do arroz no estado se concentra basicamente na região do vale do Paraíba, Guaratinguetá e Pindamonhangaba, ambos pertencentes ao vale do Paraíba. A colheita segue avançando e, até o final do mês, 1/4 da área já deve ser colhida. Áreas plantadas mais precocemente sofreram mais com as intempéries climáticas.

No Amazonas, o município de Humaitá possui extensas áreas de campos naturais, onde a facilidade no preparo do solo para o plantio é maior, sem a necessidade de derrubadas, o que reflete em menor impacto ambiental e economia de recursos, mas a alta do preço do milho no mercado atual faz com que alguns produtores priorizem em substituir áreas de plantio de arroz pela cultura do milho.

No Pará, o principal produtor de arroz de sequeiro do estado é Mocajuba e está na região nordeste, com área de 7.500 hectares. Já outro grande produtor de arroz, Santana do Araguaia, o cultivo é todo mecanizado e somente é plantado após a soja colhida. O plantio acontece entre janeiro e fevereiro.

Já o arroz irrigado do estado é cultivado somente no Marajó, apresentando um alto rendimento, acima dos 6.000 kg/ha. O plantio já iniciou na várzea alta, haja vista que, com o início das chuvas, houve aumento do fluxo de água nos rios, atingindo áreas mais altas do cultivo.

Em Sergipe, a colheita do arroz avançou para 70% da área total cultivada, apesar dos problemas recorrentes com a operação, que se estendem desde dezembro. Ocorreram imprevistos causados pelas condições climáticas,

além da falta de colhedoras e baixa liquidez do grão em Sergipe. Nos dois menores projetos irrigados (Propriá e Cotinguiba), a colheita foi finalizada, enquanto que no projeto Betume, maior produtor, apenas 50% das áreas foram colhidas. Em janeiro as condições climáticas foram bem mais favoráveis para a colheita, apesar do relato de ocorrência de chuvas volumosas que ainda vêm atrasando a operação em muitas áreas. O final da colheita está prevista para se encerrar no final de março.

Em Pernambuco, o cultivo do arroz irrigado no estado fica restrito a áreas situadas entre os municípios de Cabrobó e Orocó, sobre as margens e ilhas do Rio São Francisco. Toda a área cultivada é conduzida por agricultores que trabalham em regime de parceria com a única empresa de beneficiamento de arroz da região.

No Piauí, o arroz de sequeiro primeira safra apresentou redução de área quando comparado com a área plantada na safra passada de 12,1%, atingindo cerca de 45,2 mil hectares de sequeiro, esta redução ocorre principalmente pela substituição por soja ou milho em áreas do sudoeste piauiense. Atualmente 75% da área prevista já está plantada, encontram-se entre as fases de germinação e desenvolvimento vegetativo, apresentando boas condições.

Em Alagoas, o arroz irrigado primeira safra se encontra em fases distintas entre os perímetros irrigados: o Boacica se encontra com cerca de 35% da área colhida, já o Itiúba, encontra-se com cerca de 90% das áreas cultivadas em fase de desenvolvimento vegetativo e 10% em floração. A previsão para início de colheita é para fevereiro. Na região do Boacica, muitas áreas estão em ponto de colheita, entretanto, está ocorrendo a falta de máquinas colhedoras, com risco de perdas.

Em Mato Grosso do Sul, o arroz irrigado primeira safra tem o cultivo estadual restrito à região em que o clima se caracterizou por baixos volumes de chuva e distribuição muito irregular, além da permanência de altas temperaturas. Ocorreu o favorecimento de cultivos que são irrigados por meio do bombeamento em rios, mas afetou fortemente as lavouras cuja irrigação é realizada exclusivamente com água natural. Com a forte restrição de água, não foi possível realizar a inundação de uma quantidade considerável de lavouras, impactando na produtividade estadual. Cerca de 25% das lavouras de arroz irrigadas são cultivadas no município de Miranda, onde a colheita atingiu 60% da área semeada. Neste local, a irrigação é realizada por intermédio de bombeamento de água, mas a produtividade foi afetada devido a problemas com plantas daninhas, pois ao redor de muitos talhões foi semeado soja, impedindo a aplicação de herbicidas específicos para a cultura do arroz por conta de a deriva prejudicar a cultura adjacente.

Em Minas Gerais, as lavouras de arroz irrigado se desenvolvem bem e são consideradas boas em sua totalidade. Apesar do excesso de chuvas, as condições fitossanitárias mantêm-se boas. Cerca de 20% da área cultivada já está emitindo panícula, visto que as demais áreas se encontram em desenvolvimento vegetativo.

No Paraná, para o arroz irrigado primeira safra, o clima quente e seco afetou o desenvolvimento da cultura, prejudicando sua produtividade em 6%. A falta de chuvas dificultou também a manutenção dos níveis de água. Em relação às condições das lavouras, em sua maior parte, estão distribuídas entre 24% na floração e 24% na frutificação, com cerca de 20% colhida. Com 92% em condições boas, sendo o restante, 8%, em condições diferenciadas devido à menor disponibilidade de água para a prática de irrigação por inundação.

Com relação ao cultivo do arroz de sequeiro primeira safra, o clima seco prejudicou as lavouras, que teve sua produtividade rebaixada em 3% em relação à safra passada. A maior parte das lavouras estão nos estádios de floração 39% e frutificação 50%, fases críticas que dependem das chuvas para manter suas condições mais favoráveis.

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica												
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									

UF	Mesorregiões	Arroz - Safra 2021/2022										
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RO	Leste Rondoniense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
PA	Sudoeste Paraense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
	Sudeste Paraense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
TO*	Ocidental do Tocantins			S	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MA	Centro Maranhense						S/E	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense				S/E	DV	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PR*	Noroeste Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C		
SC*	Norte Catarinense	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
	Vale do Itajaí	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Sul Catarinense	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
RS*	Centro Ocidental Rio-grandense		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	M/C	C	
	Metropolitana de Porto Alegre		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Sudeste Rio-grandense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

(*)irrigado

Fonte: Conab.



Foto 6 - Arroz em Jaciara - MT

Fonte: Conab.



Foto 7 - Miranda - MS

Fonte: Conab.



Foto 8 - Arroz - RO

Fonte: Conab.



FEIJÃO

ÁREA

2.940,3 mil ha
+0,6%

PRODUTIVIDADE

1.041 kg/ha
+5,8%

PRODUÇÃO

3.060,1 mil t
+6,4%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 135,9 mil t
PRODUÇÃO 3.060,1 mil t
IMPORTAÇÕES 100 mil t
3.296 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 2.850 mil t
EXPORTAÇÕES 200 mil t
3.050 mil t

FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

A colheita vem avançando nas principais regiões produtoras, e a perspectiva é que nas próximas semanas as operações estejam em reta final ou até concluídas, visando, em muitas áreas, a sucessão de cultivos.

Com essa evolução do ciclo, vai se confirmando algumas estimativas já observadas anteriormente. Como exemplo, podem-se mencionar as perdas de potencial produtivo em decorrência da estiagem em lavouras do Sul e Sudeste, mais especificamente no Paraná e em Minas Gerais, que são grandes produtores de feijão nesse primeiro momento. Há também um melhor cenário nas áreas em produção do Nordeste, com registros de índices pluviométricos abundantes, porém com sinais de alerta em algumas localidades em razão do excesso dessas precipitações.

Assim, a estimativa nacional para esse primeiro ciclo do feijão em 2021/22 é de obtenção de um volume de 935,5 mil toneladas, somando as produções de feijão-comum cores e preto, além do feijão-caupi, indicando redução de 4,2% em relação ao resultado obtido em 2020/21.

OFERTA E DEMANDA

FEIJÃO-COMUM CORES

No atacado em São Paulo, o mercado segue firme neste início de ano, com o produto passando por sucessivas alterações nos preços, superando os R\$ 320 pela saca de 60 quilos, na penúltima semana de janeiro. A pouca oferta do grão, em virtude da menor área semeada na primeira safra, do controle da oferta e dos problemas decorrentes de adversidades climáticas no Sul do país, são apontados como os principais responsáveis para tal comportamento. O abastecimento está sendo processado, em sua maioria, com produtos oriundos de São Paulo e Paraná, e o restante de Minas Gerais.

Esperava-se, a qualquer momento, uma reação dos preços, mas não de forma tão intensa. No Paraná, a primeira safra está em processo final de colheita, e mais da metade da produção foi comercializada pelos produtores. Nos demais estados da Região Centro-Sul predominam as fases de maturação e colheita.

Tanto no atacado, quanto nas zonas de produção, as ofertas reduziram bastante, e muitos comerciantes recuaram aguardando um melhor momento para as negociações, mesmo cientes da demanda bastante retraída.

Assim, com a previsão de oferta moderada e baixo estoque de passagem, a tendência é que os preços continuem atrativos para os produtores, no mínimo, até a entrada mais expressiva da produção dos estados das Regiões Centro-Oeste e Sudeste do país, prevista para as próximas semanas.

Com relação a segunda safra, a pesquisa em questão projeta uma pequena expansão na área a ser plantada, e aumento de 23% na produção. No Sul do país a semeadura começou no início de janeiro, atingindo cerca de 30% da área, e as lavouras atravessam as fases de germinação e desenvolvimento vegetativo.

Quanto ao varejo, as margens estão muito elevadas, verificando-se grande dificuldade de repasse dos últimos aumentos para o consumidor, e essa recente elevação abrupta dos preços poderá impactar ainda mais o consumo interno.

Assim, as vendas que já apresentam certa lentidão tendem a arrefecer, forçando o mercado a encontrar um ponto de equilíbrio, ou seja, um valor que o consumidor esteja disposto a pagar.

FEIJÃO-COMUM PRETO

No mercado atacadista de São Paulo, os preços apresentaram uma forte elevação em vista do controle das ofertas e pelo clima adverso no Sul do país, que limitou a quantidade e a qualidade do produto destinado ao mercado.

Para a temporada 2021/22 prevê-se o seguinte cenário: computando as três safras, o trabalho de campo, realizado por técnicos da Conab em janeiro de 2022, chega em um volume médio de produção estimado em 3,06 milhões de toneladas, 6,4% acima da colheita anterior. Esse resultado somado ao estoque de passagem de 135,9 mil toneladas, o mesmo consumo registrado na safra anterior em 2,85 milhões de toneladas, às importações projetadas em 100 mil toneladas e às exportações em 200 mil toneladas,

propiciarão um suprimento de 3.296 mil de toneladas, gerando um estoque de passagem na ordem de 246 mil toneladas.

O consumo nacional tem variado nos anos de 2018 a 2020, entre 3,05 e 3,15 milhões de toneladas em razão da disponibilidade interna e dos preços praticados no mercado, que induzem o consumidor a adquirir mais ou menos produtos. Em 2021, o consumo recuou para 2,85 milhões de toneladas em virtude do elevado aumento dos preços provocados pela retração da área plantada e pelas condições climáticas adversas.

O Brasil importou, em 2021, 81,3 mil toneladas, e quase a totalidade da mercadoria internalizada foi de origem argentina, nosso principal fornecedor. Aludida redução é reflexo, em parte, da forte valorização do dólar frente ao real e do menor consumo. Ainda há de se ressaltar que, neste começo de 2021, a retração do cultivo e as adversidades climáticas, ocorridas no Sul do país, comprometeram parte da produção.

No Paraná, a cada safra, os produtores vêm reduzindo a área de feijão-comum em maior proporção à área do feijão-comum preto, aumentando à da soja, que, além do preço atrativo, traz menos riscos que o feijão. Isso deixa o Brasil mais dependente de importações.

As exportações em 2021 foram recordes, fechando o ano em 222 mil toneladas. Mato Grosso é o estado responsável pela quase totalidade das exportações de feijão-caupi (tipo de grão exportado pelo país). Destaca-se a substituição do vigna unguiculata por algumas variedades de maior valor agregado, tais como: azuqui, mungo-verde, rajado, bico de ouro, vermelho, jalo, entre outras, uma vez que as duas primeiras contribuíram com praticamente metade das exportações em 2020. A cotação do dólar tornou o produto bem competitivo, mas a área a ser semeada acabou perdendo espaço para a cultura do milho.

TABELA 7 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
2017/18	302,6	3.116,1	81,1	3.499,8	3.050,0	162,4	287,4
2018/19	287,4	3.017,7	149,6	3.454,7	3.050,0	164,0	240,7
2019/20	240,7	3.222,6	113,6	3.576,9	3.150,0	176,6	250,3
2020/21	250,3	2.876,3	81,3	3.207,9	2.850,0	222,0	135,9
2021/22	jan/22	155,2	3.084,0	100,0	3.339,2	2.900,0	239,2
	fev/22	135,9	3.060,1	100,0	3.296,0	2.850,0	246,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2022.

Estoque de Passagem - 31 de dezembro.

FEIJÃO-COMUM CORES

O ciclo da cultura está se encaminhando para o fim em diversas regiões produtoras. As operações de colheita estão se intensificando, e a perspectiva é que sejam concluídas nas próximas semanas. À medida que a ceifa vai avançando, podem-se notar os efeitos deletérios causados pelas adversidades climáticas em algumas localidades importantes. Os registros de estiagem ao longo do ciclo e as consequentes restrições hídricas em áreas do Sul e Sudeste, bem como o excesso de chuvas e as eventuais perdas de potencial produtivo e qualidade no Nordeste acabam por reduzir a estimativa de produção desse feijão-comum cores de primeira safra.

Soma-se a isso uma diminuição na área plantada em comparação a 2020/21, acarretando uma perspectiva de produção de 556,4 mil toneladas, indicando decréscimo de 8,5% em comparação à temporada passada.

Em São Paulo, a colheita já está finalizada. Foram 50,1 mil hectares destinados a tal cultivo, com uma produção estimada de 110,2 mil toneladas. Vale ressaltar que o estado tem um período de semeadura mais precoce em comparação às demais Unidades da Federação e, por

isso, acaba sendo o primeiro a ofertar os grãos dentro do ano-safra para o mercado consumidor.

Em Minas Gerais, a colheita já alcançou mais de 85% dos 122,5 mil hectares semeados com a cultura nessa primeira safra. É importante salientar que nesse início de ano houve registros de muitas chuvas em diversas regiões do estado e isso acabou por comprometer a parte final do ciclo de diversas lavouras, não acarretando diretamente em perdas significativas de rendimento dos grãos, mas impactando a qualidade do produto obtido, especialmente no Noroeste e no Sul de Minas, que são polos relevantes para a produção de feijão na Unidade da Federação. De maneira geral, a expectativa é de redução na produção total em comparação ao volume colhido na temporada passada, devendo chegar a 187,3 mil toneladas, sinalizando decréscimo de 10% em relação à 2020/21.

No Paraná já são mais de 92% dos 44,1 mil hectares destinados ao feijão-comum cores de primeira safra colhidos. A iminente conclusão da sega demonstra que o ciclo foi antecipado em razão das restrições hídricas e que elas acarretam redução do potencial produtivo, já que muitas lavouras sofreram com déficit hídrico em fases críticas no ciclo fenológico. Assim, a estimativa é de decréscimo na produção estadual em comparação a 2020/21, alcançando apenas 60,9 mil toneladas, ante as 72 mil toneladas obtidas na temporada passada.

Em Santa Catarina, a semeadura do feijão-comum cores é tradicionalmente mais tardia e só teve sua finalizada alcançada em janeiro de 2022. O cultivo se concentrou na região do Planalto Serrano e na região oeste do estado, com destinação de 12,2 mil hectares. Com essa janela maior de semeadura é possível observar lavouras em diversas fases fenológicas, inclusive com as primeiras áreas já apresentando colheita. De

maneira geral, a qualidade e o rendimento das lavouras estão regulares, pois houve períodos de instabilidade climática, com baixos níveis de precipitação em parte do ciclo. A estimativa atual é de produção na ordem de 24,3 mil toneladas, sendo um valor inferior ao resultado alcançado em 2020/21.

Na Bahia, as lavouras já foram implantadas e a área total para a semeadura do feijão-comum cores ficou em 54 mil hectares. O cultivo está concentrado principalmente nas áreas do extremo-oeste, centro-sul, centro-norte e Vale do São Francisco.

As condições climáticas começaram favoráveis à cultura no início do ciclo, porém os registros de chuvas em níveis mais elevados impactaram o potencial produtivo. Além disso, há relatos de ataques pontuais de mosca-branca e incidência de doenças foliares que também podem afetar o rendimento. Ainda assim, a estimativa de produção aponta para acréscimo do volume total colhido em comparação a 2020/21, esperando alcançar 21,3 mil toneladas (aumento de 73,2% em relação à temporada anterior).

Em Goiás, a colheita avançou, mesmo com as chuvas constantes, principalmente na região leste. As operações foram dificultadas em algumas localidades e também houve relatos de perda de qualidade dos grãos devido ao excesso de umidade e incidência pontual de doença fúngica (mofo-branco). Mas, no geral, considerando todas as áreas produtivas, a cultura deve apresentar rendimento médio satisfatório, porém redução na produção total em comparação a 2020/21 em razão da diminuição de área plantada em relação a tal período. Espera-se colher cerca de 95,4 mil toneladas de feijão-comum cores nesse primeiro ciclo no estado.

FEIJÃO-COMUM PRETO

No Paraná, a colheita já começou no estado e deve se intensificar nas próximas semanas. De maneira geral, as condições climáticas estão impactando o desenvolvimento das lavouras, com registros de períodos prolongados de estiagens durante as fases críticas do ciclo fenológico da cultura. Atualmente, 58% das lavouras remanescentes estão classificadas como boas e 42% entre ruins e médias. No geral, a estimativa de produção é de 129,5 mil toneladas, sendo 29,1% inferior ao volume colhido em 2020/21.

No Rio Grande do Sul, a semeadura praticamente não evoluiu em dezembro em razão da escassez de chuvas em muitas regiões no estado. Restam cerca de 3% de área a ser semeada, localizadas especificamente no Planalto Superior e Sul gaúcho.

Nas lavouras já implantadas, as mais precoces iniciaram as operações de colheita, alcançando 10% da área total prevista. Para as demais lavouras há uma distribuição heterogênea, com regiões mais avançadas, com 25% chegando à fase de maturação, 37% em enchimento de grãos, 14% em floração e 14% em plantio mais tardio, que ainda estão em desenvolvimento vegetativo.

Nas lavouras já colhidas há registros de perdas de rendimento em razão da restrição hídrica, especialmente, nas regiões do Alto Uruguai, Missões e Centro. Aquelas que atualmente estão em maturação e enchimento de grãos, principalmente no Planalto Médio, também já registram perdas de potencial produtivo. Caso as chuvas retornem de forma regular e uniforme, há possibilidade de melhorias, especialmente, sobre as lavouras de plantio mais tardio.

Em Santa Catarina, 92% da área estimada para o plantio do feijão-comum preto nesta primeira safra está semeada. A previsão de expansão da área plantada neste ano, em comparação com a temporada passada, ainda continua, principalmente pelos bons preços pagos pelo grão recentemente, devendo alcançar 21,7 mil hectares semeados neste ciclo. Atualmente, a maior parte das lavouras implantadas estão em fase de granação e maturação, com uma pequena porção de área já em colheita. No geral, a escassez de chuvas começa a impactar a cultura, especialmente aquelas lavouras que estão nessas fases críticas do ciclo.

Além da Região Sul, vale ressaltar o cultivo do feijão-comum cores nesse período em Minas Gerais, Espírito Santo, Distrito Federal e Rio de Janeiro, mesmo que em áreas menores.

FEIJÃO-CAUPI

As lavouras de feijão-caupi nessa primeira safra estão consolidadas e seguem em pleno desenvolvimento, com um ciclo mais atrasado em comparação aos outros tipos de feijão, mas apresentando grande representatividade de área plantada, especialmente na Região Nordeste e outras porções em localidades mais áridas no Centro-Oeste, no Norte e no Sudeste.

As maiores destinações de área estiveram no Piauí e na Bahia, que, juntos, representaram mais de 86% de toda área semeada com a cultura no país. Ao todo, foram 397 mil hectares semeados em âmbito nacional, sinalizando pequeno incremento de área em comparação à temporada passada.

Quanto ao rendimento esperado, vale destacar o bom regime pluviométrico registrado no início do ciclo nas principais regiões produtoras, assim como o excesso de precipitação que acometeu algumas localidades mais recentemente. Dessa forma, a expectativa geral é de aumento na produtividade média a ser obtida nesta safra em comparação com 2020/21, porém há alguma ressalva com o potencial produtivo em decorrência do alto volume de chuvas visualizado em algumas regiões.

No geral, a estimativa para a produção nacional é de 184,3 mil toneladas, indicando um resultado bem superior as 120 mil toneladas obtidas na safra 2020/21.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra - Safra 2021/2022											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense						S/E	E/DV/F	DV/F	EG/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							S/E/DV	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano					S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C	C
	Centro Norte Baiano						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C	C
	Centro Sul Baiano						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C	C
MT*	Sudeste Mato-grossense				S/E	E/DV	F	M/C					
	Norte Mato-grossense				S/E	DV/F	F/EG	M/C					
GO	Leste Goiano				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Sul Goiano				S/E	DV/F	EG/M	M/C					
	Norte Goiano				S/E	E/DV	F/EG	EG/M	M/C				
DF	Distrito Federal				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				

continua

Legenda – Condição hídrica

 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra - Safra 2021/2022											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
MG	Noroeste de Minas					S/E	F/EG	EG/M/C	C				
	Norte de Minas					S/E	S/E/DV	F/EG	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Oeste de Minas				S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	C				
	Campo das Vertentes				S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	C				
	Zona da Mata				S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	C				
SP*	Bauru		PS	S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C					
	Assis		S/E	E/DV	F/EG	EG/M	M/C	C					
	Itapetininga		S/E	E/DV	F/EG	EG/M	M/C	C					
PR	Norte Central Paranaense			S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense			S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense			S/E/DV	E/DV	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
SC	Metropolitana de Curitiba			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
	Oeste Catarinense			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Serrana			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C					
	Nordeste Rio-grandense			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	C				

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

(*)Parte irrigada.

Fonte: Conab.

FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Aproveitando-se do ciclo mais curto do feijão em comparação a outras graminíferas, o produtor consegue adequar o plantio da cultura dentro de uma janela menor. Assim, há um cenário mais favorável, que viabiliza oferta constante do produto ao longo do ano, com semeaduras ocorrendo

em diferentes épocas. É o caso do feijão segunda safra, que tem seu plantio começando a partir de janeiro e que se estende tradicionalmente até abril.

Nesse período, há uma importante destinação de área para o plantio da cultura, com grande pulverização das lavouras pelo território nacional. Para a atual temporada, a estimativa é de 1.476,7 mil hectares direcionados para tal cultivo, considerando os grupos de feijões-comuns cores e preto, além do feijão-caupi.

Atualmente, as primeiras lavouras estão sendo implantadas e a perspectiva é que nas próximas semanas, com o avançar da colheita das culturas de primeira safra, principalmente a soja, se intensifique a semeadura desse feijão.

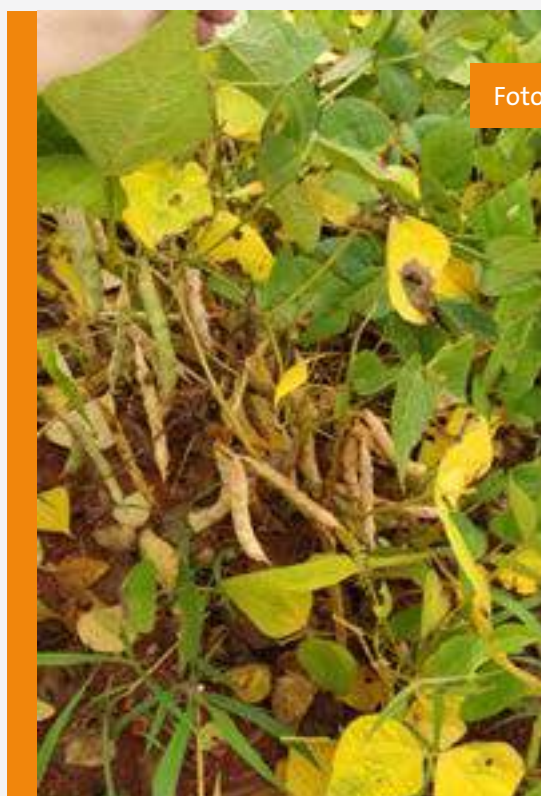


Foto 9 - Nova Ponte - MG

Fonte: Conab.

Foto 10 - Nova Ponte - MG



Fonte: Conab.

Foto 11 - São Gabriel - BA



Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra de feijão, [clique aqui](#).



MILHO

ÁREA

20.895,6 mil ha

4,8%

PRODUTIVIDADE

5.376 kg/ha

+23,1%

PRODUÇÃO

112.342,8 mil t

+29%

Comparativo com safra anterior
Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 8.823,3 mil t

PRODUÇÃO 112.348,8 mil t

IMPORTAÇÕES 1.300 mil t

122.472,1 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 76.750,6 mil t

EXPORTAÇÕES 36.680 mil t

113.430,6 mil t

A semeadura do milho primeira safra, na temporada 2021/22, foi beneficiada por condições favoráveis de clima em praticamente todo o país. A área plantada é estimada em 4.533 mil hectares, aumento de 4,3% em relação a 2020/21.

Assim como no plantio de soja, houve também um divisor de situações a partir de novembro. Enquanto a Região Sul e parte do Mato Grosso do Sul foram castigadas por altas temperaturas e deficit hídricos severos, o restante do país teve condições quase perfeitas para o desenvolvimento das lavouras. Mesmo com as chuvas frequentes e alta nebulosidade nestas áreas, o plantio e desenvolvimento dessas lavouras acompanharam a expectativa inicial de boas produtividades. Já na Região Sul, mesmo com a grande amplitude da janela de plantio, grande parte das lavouras sofreu algum ou vários eventos climáticos negativos que ocasionaram drásticas reduções de produtividade.

A expectativa de produtividade para o milho primeira safra é de 5.390 kg/ha, 5,2% inferior à safra 2020/21. Até o final de janeiro 11% das lavouras já tinham sido colhidas.

O aumento de 4,3% da área plantada e o bom desenvolvimento das lavouras, nas regiões discriminadas acima, colaboraram para uma menor queda da produção nacional, estimada em 24.434 milhões de toneladas na primeira safra, 1,2% inferior à safra 2020/21.

Já para o milho segunda safra, a previsão é de um plantio de 15.776 mil hectares, 5,2% superior à safra anterior. Esse aumento é devido aos preços atrativos praticados pelo mercado e pelo plantio realizado na janela ideal da soja, principal cultura que antecede ao milho. No final de janeiro já haviam sido semeados 14,5% da área prevista, com destaque para Mato Grosso, com 30% da área semeada.

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2020/21, com janeiro de 2022 sendo o último mês do calendário comercial, a Conab reavalia sua nova expectativa de produção de milho. É esperado uma produção total de 87 milhões de toneladas, ou seja, uma redução de 15,1% em relação à safra 2019/20. Esse ajuste ocorre diante da constatação em campo de uma significativa redução de produtividade daquela safra. Por outro lado, a Conab prevê uma produção de 112,3 milhões de toneladas para a safra 2021/22, diante de um aumento esperado de 23% da produtividade total das lavouras do cereal, comparada à safra anterior.

Em relação aos dados de demanda doméstica, a companhia acredita que 71,9 milhões de toneladas foram consumidas no ano-safra 2020/21, aumento de 4,8% quando comparado a 2019/20, a projeção é sustentada pelo desempenho das exportações da indústria de proteína animal e aumento do consumo de milho destinado à produção de etanol. Desse modo, a Conab espera que esses setores permanecerão em crescimento e,

assim, 76,8 milhões de toneladas deverão ser demandadas internamente ao longo da safra 2021/22.

Além disso, a Conab reporta que a importação de milho no ano-safra 2020/21 foi de 2,9 milhões de tonelada, diante da observação de maior volume em desembaraço aduaneiro nos portos. Entretanto, a Conab projeta um volume de importação de 1,7 milhão de toneladas do grão para a safra 2021/22.

Para as exportações, a Conab sinaliza que um volume de 20,9 milhões de toneladas de milho da safra 2020/21 foram exportadas, esse montante enviado para outras economias se sustenta na observação da programação de embarques de grãos registrada nos portos brasileiros e dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Para a safra 2021/22, diante do aumento da produção e de uma moeda doméstica desvalorizada, a Conab estima que 35 milhões de toneladas serão exportadas.

Frente aos ajustes apresentados, o estoque ao fim do ano-safra 2020/21, ou seja, janeiro de 2022 foi de 7,8 milhões de toneladas, redução de 26,4% em comparação à safra imediatamente anterior. Este arranjo é explicado, principalmente, pela redução da produção total de milho causada pela menor disponibilidade hídrica durante o desenvolvimento das lavouras de segunda safra em 2021. Por outro lado, para a safra 2021/22, a Conab espera que o estoque final deverá ser de 10,1 milhões de toneladas, dado que indica a recomposição da disponibilidade interna do cereal ao fim de 2022.

TABELA 8 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - MILHO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2015/16	10.531,3	66.530,6	3.336,2	80.398,1	56.319,1	18.847,3	5.231,7
2016/17	5.231,4	97.842,8	952,5	104.026,7	57.337,3	30.813,1	15.876,3
2017/18	15.876,2	80.709,5	900,7	97.486,4	59.162,0	23.742,2	14.582,2
2018/19	14.582,1	100.042,7	1.596,4	116.221,2	64.957,8	41.074,0	10.189,4
2019/20	10.189,4	102.515,0	1.453,4	114.157,8	68.662,5	34.892,9	10.602,4
2020/21	10.602,4	87.049,9	2.983,5	100.635,8	71.930,0	20.904,8	7.801,0
2021/22	fev/22	8.823,3	112.901,9	1.300,0	123.025,2	76.750,6	9.594,6
	fev/22	7.801,0	112.342,8	1.700,0	121.843,8	76.750,6	10.093,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2021.

Estoque de Passagem: 31 de Janeiro.

AVALIAÇÃO POR ESTADO

MILHO PRIMEIRA SAFRA – 2020/21

No Paraná, a cultura teve a produtividade afetada, tanto pelo deficit hídrico em novembro e dezembro como pelo chuvoso outubro. As altas temperaturas ao longo do ciclo também colaboraram para essa queda. A colheita já alcança 9% na área. Atualmente 64% das lavouras se encontram em condições menos favoráveis, com 39% regular e 25% ruim. A expectativa inicial de produtividade era de 8.373 kg/ha e hoje se encontra em 6.185 kg/ha, refletindo todo o efeito das condições climáticas adversas provocadas pelo fenômeno “La niña”, principalmente, na metade oeste do estado.

Em Santa Catarina, as lavouras localizadas no Planalto Norte encontram-se, em sua maioria, entre formação final de grão e maturação, com início da colheita em algumas áreas onde o plantio ocorreu com material mais precoce. Nestas áreas, a produtividade obtida, até o momento, tem ficado abaixo do esperado, haja vista que estes materiais sofreram influência da estiagem. As condições sanitárias são consideradas boas, sem ocorrência de pragas e doenças generalizadas que possam afetar as condições das

lavouras. A colheita deve se intensificar a partir de março, prolongando-se até maio, após a colheita da soja. É possível verificar os efeitos do longo período de deficit hídrico nas lavouras: plantas com enrolamento das folhas e morte das folhas baixas. Quando um período de seca ocorre durante o florescimento, as perdas de produção de grãos podem ultrapassar 50%. As perdas resultam de uma redução no número de sementes por planta devido a falhas na fertilização e aborto de embriões. Isso tem efeito na diminuição do número de grãos, falhas na granação, diminuição do tamanho de espigas e peso de grãos.

No Rio Grande do Sul, as condições meteorológicas de janeiro permitiram a evolução da colheita do milho no estado, que alcançou 37%. O tempo nesse período foi de baixos índices pluviométricos e sequências de dias com temperaturas próximas dos 40 °C, o que só aumentou os danos da estiagem que eram verificados no mês anterior. Desde final de novembro não são registrados volumes significativos de chuvas, ocorrendo apenas pancadas com volume e distribuição irregulares. A estiagem coincidiu com o período de definição do rendimento da maioria das lavouras, incorrendo em severas perdas. As anomalias de precipitação são superiores a 100 mm em grande parte do estado, com locais tendo chovido apenas cerca de 20 mm, ou seja, pouco mais de 10% do esperado. A primeira data de semeadura, ainda em julho e agosto, foi a que proporcionou algum rendimento dentro dos padrões, já que no ciclo da cultura houve um volume de chuvas adequado, mas isso se restringe a partes da região Alto Uruguai. A semeadura a partir de setembro já proporcionou perdas crescentes nas lavouras, pois a fase crítica ocorreu em dezembro e janeiro, quando praticamente não choveu. Com isso, as regiões Missões, Fronteira Oeste, Centro e Planalto Médio têm perdas que variam de 50% a 70% em média, mas com grande recorrência de lavouras totalmente perdidas. No sul, a região menos afetada, até agora, as perdas chegam a 30%, embora

seu potencial também seja menor. Com isso, a produtividade foi mantida igual ao levantamento anterior, onde já havia sido apontadas as perdas e se aguarda a evolução da colheita nos próximos levantamentos para apurar com mais precisão os rendimentos obtidos. Além dos 37% colhidos, temos 31% em maturação, 15% em enchimento de grãos, 7% em floração e 10% em desenvolvimento vegetativo. A semeadura ainda não alcançou os 100%, já que alguns produtores devem tentar cultivar o milho na safrinha, caso tenha umidade no solo.

Em Mato Grosso, a lavoura do milho primeira safra está em fase final de maturação e já começou ser colhido em alguns talhões. A maior área, concentrada no médio-norte, é decorrente da rotação de cultura para subsequente plantio do algodão de segunda safra. Todavia, o cultivo na safra principal pode trazer impactos negativos, tendo em vista o potencial de maior propagação de pragas para a cultura de segunda safra, tal como a cigarrinha, que tem demandado maiores esforços de produtores rurais no uso de inseticidas.

Em Mato Grosso do Sul mais de 90% das lavouras de milho cultivadas em primeira safra não passaram por déficit hídrico no último período analisado, o que tem garantido a boa expectativa de produtividade. O restante das áreas sofreu forte restrição devido à estiagem, afetando fortemente o potencial produtivo das plantas e antecipando o ciclo em muitos casos. As lavouras não afetadas pela seca estão em pleno enchimento dos grãos, com baixa incidência de pragas e doenças devido aos tratamentos realizados preventivamente. Nessas áreas mantém-se a expectativa de elevada produtividade. Já nas áreas que sofreram déficit hídrico estão iniciando maturação, com as primeiras sendo colhidas já em fevereiro. Outras que ainda resistiram tiveram muita área foliar afetada, e a perspectiva é de baixa produtividade, com colheita em março.

Em Goiás, os períodos críticos da cultura, seja no desenvolvimento vegetativo, florescimento ou enchimento de grãos, ocorreram em condições favoráveis para expressar todo o potencial produtivo das lavouras. O milho primeira safra se encontra em boas condições, já com algumas áreas do sul do estado entrando na fase de maturação. Colheita prevista para a segunda quinzena de março. Há relatos de pressão e incidência de enfezamento vermelho devido ao ataque de cigarrinhas em algumas regiões do oeste goiano. A produtividade média esperada é de 9.930 kg/ha.

No Distrito Federal foram semeados 16.100 hectares, uma redução de 26,1% em relação à área cultivada no ano anterior.

A produtividade média estimada é de 9.570 kg/ha, que resultará em uma produção de 154.077 toneladas, 24,3% inferior à ofertada da safra passada.

Os principais fatores que justificam a referida redução na área de milho da primeira safra dizem respeito a preferência do produtor pelo cultivo da soja de variedades precoces, optando por cultivo do milho como opção para a segunda safra, onde o investimento é menor em insumos principalmente em fertilizantes, minimizando os custos da produção.

As lavouras se encontram com 3% em início de pendoamento, 70% em fase inicial de maturação e o restante, que já foi colhido, refere-se a milho semente cultivado em áreas irrigadas.

Em Minas Gerais, as lavouras estão se desenvolvendo bem e, apesar do excesso de chuvas ocasionar um certo receio quanto aos prejuízos na polinização, a expectativa de produtividade das lavouras no estado, como um todo, não reflete este fato. Porém, na região noroeste, foi observado que os grandes volumes de chuvas prejudicaram a polinização. Assim,

os produtores dessa região já trabalham com produtividades aquém daquelas iniciais. No entanto, o impacto negativo em decorrência deste fato tende a ser superado pelos ganhos em produtividade nas outras regiões do estado em virtude da alta disponibilidade de água na fase de enchimento de grãos. Até o término de janeiro, 16% das lavouras estavam em maturação, 83% em enchimento de grãos e apenas 1% ainda na fase de floração.

São Paulo já colheu 7% da área prevista, e a produtividade está dentro da esperada.

Em Rondônia, o clima foi estupendo para o milho primeira safra, salvo raras exceções em pontos isolados, toda a cultura se beneficiou. A produtividade é baixa, por conta do nível tecnológico, que, por conseguinte, acompanha a produtividade.

No Tocantins, as lavouras se encontram em fase de maturação e em boas condições de desenvolvimento para aqueles cultivos realizados nas áreas de várzeas. Em relação à agricultura familiar, o plantio foi concluído, e as lavouras estão, na maior parte, em fase de desenvolvimento vegetativo.

Na Bahia, no extremo-oeste, as lavouras estão em fase de desenvolvimento vegetativo e enchimento de grãos, apresentando boa qualidade, sem perdas devido a pragas e doenças. No entanto, observa-se menor vigor nas lavouras em relação à safra passada, provavelmente, devido à baixa insolação em dezembro de 2021. No centro-sul, devido às chuvas intensas ocorridas em dezembro, principalmente na região de Iuiú, causaram perdas na cultura. A produtividade esperada para o estado é de 5.122 kg/ha.

No Maranhão, 91% da área está semeada, devendo estar finalizada em meados de fevereiro devido ao excesso de chuvas. As lavouras se encontram nos estádios de emergência a enchimento de grãos. A colheita ocorrerá de março a julho de 2022.

No Piauí, o plantio teve início no último decêndio de novembro e atinge, até o momento, 95% da área total prevista, com 15% em germinação/emergência, 70% em desenvolvimento vegetativo, 10% em floração e 5% em enchimento de grãos. Cerca de 90% das lavouras apresentam boas condições.

QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
UF	Mesorregiões	Milho primeira safra - Safra 2021/2022											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
MA	Oeste Maranhense					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sul Maranhense				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PI	Norte Piauiense						S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro Norte Baiano					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro Sul Baiano					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
MT	Sudeste Mato-grossense				S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
GO	Centro Goiano			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Leste Goiano			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sul Goiano			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
DF	Distrito Federal			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Belo Horizonte			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Oeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Campo das Vertentes			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Zona da Mata			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			Continua

Legenda – Condição hídrica

Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra - Safra 2021/2022											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
SP	São José do Rio Preto			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Ribeirão Preto			S/E	E/DV/F	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Bauru			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Campinas			S/E	E/DV/F	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Itapetininga			S/E	E/DV/F	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista			S/E	E/DV/F	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
PR	Centro Ocidental Paranaense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Norte Central Paranaense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Norte Pioneiro Paranaense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Centro Oriental Paranaense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Oeste Paranaense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Curitiba		S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Oeste Catarinense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
SC	Norte Catarinense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C				
	Serrana		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C				
	Vale do Itajaí		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C			
	Noroeste Rio-grandense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M	M/C	C	C			
RS	Nordeste Rio-grandense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C			
	Sudeste Rio-grandense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C			

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

MILHO PRIMEIRA SAFRA – 2020/21

No Paraná, o plantio de 5% da área, hoje estimada em 2.577 mil hectares, com aumento de 2,9% em relação à safra passada. As condições, no geral, são boas, e neste princípio de ciclo as fases se concentram, com 75% em germinação e 25% em desenvolvimento vegetativo.

Em Mato Grosso, o plantio já alcança 30,3% da área prevista de 6.298 mil hectares. A atual condição do clima, com intercalação moderada entre intervalos chuvosos e ensolarados, mostra-se muito favorável para à cultura. A janela de semeadura está dentro do cronograma estimado, com algumas localidades apresentando um ligeiro adiantamento. Apesar das boas condições, no geral, como o clima e pacotes de alta tecnologia apontarem para uma excelente safra, a escassez de insumos, do tipo defensivos e fertilizantes, causa preocupações, uma vez que a não aplicação ou redução na dosagem pode comprometer o potencial produtivo da planta e, conseqüentemente, reduzir a produtividade. A antecipação dos trabalhos envolvendo a soja implicam em adiantamento da demanda, no que se refere à aquisição de tais insumos, gerando essa preocupação. Porém, ainda é cedo para afirmar que tal evento poderá afetar ou não o rendimento médio estadual, dado que há diversas variáveis envolvidas em sua determinação, das quais bastante favoráveis.

Em Mato Grosso do Sul o retorno das chuvas ocorreu a partir de 28 de janeiro. Durante o período do levantamento, a semeadura estava incipiente e sendo realizada no pó. A maioria dos produtores, que já tinham área disponível para implantação do milho, aguardavam o retorno das chuvas para semear a cultura. Com a retomada das chuvas, a emergência das lavouras implantadas ocorrerá satisfatoriamente. As frentes de trabalho também se intensificarão e tende a acompanhar a evolução da colheita da soja. Apesar deste levantamento indicar pequeno aumento de área em relação à safra passada, caso não ocorra melhora sensível no comportamento climático durante fevereiro, muitos produtores tendem a reduzir a área inicialmente planejada.

Em Minas Gerais, devido ao plantio mais precoce da soja nesta safra, as áreas de milho segunda safra deverão ter o plantio realizado dentro de

uma janela de plantio mais próxima da ideal, na medida em que se avança a colheita da soja. Estima-se uma área 2,2% maior que àquela cultivada na safra passada, totalizando 506,4 mil hectares. Esse aumento é motivado pelas cotações em patamares elevados e pelas condições climáticas favoráveis nos meses de plantio. Em relação à produtividade, destaca-se a quebra ocorrida na última safra em decorrência da seca generalizada nas regiões produtoras. Na safra atual, estima-se que a cultura retome o potencial produtivo. Apenas 2% das áreas destinadas à cultura se encontram semeadas, até o momento

No Distrito Federal foi verificada a semeadura do cereal em todas as áreas onde foi cultivado o feijão primeira safra, realizada imediatamente após à colheita.

Em Goiás, o começo da semeadura ocorreu principalmente em áreas de feijão que foram colhidas, até o momento. Na região sul iniciou-se o plantio da safrinha nas localidades onde foram colhidas soja, e o tempo permitiu a movimentação de plantadeiras. Há relatos de falta de sementes de milho ou mesmo atraso nas entregas. Ainda não se fala em aumento expressivo de áreas no estado, pois em fevereiro poderá ocorrer a troca por outras culturas como sorgo, girassol e trigo em virtude de os custos de produção destas culturas serem inferiores ao do milho.

Em Rondônia, assim como para as demais culturas de segunda safra, o clima está muito favorável. O cenário é muito positivo, com boas perspectivas de produtividade. As lavouras estão na fase de emergência. A previsão é de plantio de 200 mil hectares.

Na Bahia, no extremo-oeste, o plantio já foi iniciado, em sucessão à colheita da soja. Cerca de 15% já foi semeado e se encontra na fase de germinação. Na região oeste trata-se de um cultivo de oportunidade,

aproveitando o final da temporada das chuvas. A expectativa de chuvas regulares aliada à tendência de alta na cotação do milho deve garantir boas rentabilidades ao produtor.

No Maranhão, a microrregião Gerais de Balsas na região sul, a implantação das lavouras de milho segunda safra foi iniciada na última semana de janeiro de 2022, em razão da colheita das primeiras áreas de soja precoce. As lavouras estão no estágio de emergência.

No Piauí, as informações preliminares coletadas neste levantamento indicam uma expansão de área, com expectativa de cultivo mesmo em áreas onde historicamente não se fazia a segunda safra. As intenções de plantio por parte do produtor indicam uma área de 118,6 mil hectares, aumento de 25% em relação à safra passada.

QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO SEGUNDA SAFRA

Legenda - Condição hídrica																			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
UF	Mesorregiões	Milho segunda safra - Safra 2021/2022																	
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET									
RO	Leste Rondoniense - RO	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C										
TO	Oriental do Tocantins - TO		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C									
MA	Sul Maranhense - MA		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C									
PI	Sudoeste Piauiense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C										
	Noroeste Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C										
	Norte Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C										
CE	Sertões Cearenses		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C										
	Jaguaribe		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C										
	Centro-Sul Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C										
	Sul Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C										
RN	Oeste Potiguar		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C										
	Agreste Potiguar			S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C										
PB	Sertão Paraibano		PS	S/E/DV	F/EG	EG/M	EG/M/C	C											
	Agreste Paraibano			S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C										

Continua

Legenda – Condição hídrica

Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Milho segunda safra - Safra 2021/2022								
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
PE	Sertão Pernambucano		PS	S/E/DV	F/EG	EG/M	EG/M/C	C		
	Norte Mato-grossense - MT	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C	C	
MT	Nordeste Mato-grossense - MT	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense - MT	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C
MS	Leste de Mato Grosso do Sul - MS		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C
GO	Leste Goiano - GO		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sul Goiano - GO		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M	M/C	C
	Noroeste de Minas - MG		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M	M/C	C
	Assis - SP	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	EG/M/C	C
SP	Itapetininga - SP	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	EG/M/C	C
	Noroeste Paranaense - PR		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C
	Centro Ocidental Paranaense - PR		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	EG/M/C	C
PR	Norte Central Paranaense - PR	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense - PR	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	EG/M/C	C
	Oeste Paranaense - PR	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



Foto 12 - Bom Jesus - PI

Fonte: Conab.

Foto 13 - Chapadão do Sul - MS



Fonte: Conab.

Foto 14 - Chupinguaia - RO



Fonte: Conab.

Foto 15 - Milho - Nova Ponte - MG



Fonte: Conab.

Foto 16 - Milho - São Gabriel - BA



Fonte: Conab.

Foto 17 - Milho - Tapura - MT



Fonte: Conab.



Foto 18 - Milho 2a - Alto das Garcas - MT

Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).



SOJA

ÁREA

40.586,9 mil ha
3,5%

PRODUTIVIDADE

3.091 kg/ha
-12,3%

PRODUÇÃO

125.471,3 mil t
-9,2%

Comparativo com safra anterior.
Fonte: Conab.

A área plantada de soja, na safra 2021/22, deverá alcançar 40,58 milhões de hectares, aumento de 3,5% em relação à safra 2021/22.

O plantio ocorreu dentro da janela ideal na maioria das regiões produtoras e isso gerou expectativas positivas nos produtores. Porém, a partir de novembro, o cenário mudou devido à influência do fenômeno “La Niña”, que interferiu fortemente nas precipitações ocorridas. Praticamente toda a Região Sul e parte do Mato Grosso do Sul sofreram restrição hídrica severa em novembro e dezembro, além de altas temperaturas, que provocaram drástica queda de produtividade nas áreas. Em oposto a esta situação, no restante do país, as elevadas precipitações favoreceram o desenvolvimento da cultura, que, mesmo com longos períodos de chuva e baixa luminosidade, se desenvolveram dentro do esperado.

Até o final de janeiro 12,3% da área estimada já estava colhida, abrindo espaço para a implantação das lavouras de segunda safra.

As estimativas indicam uma produtividade de 3.091 kg/ha e uma produção de 125,47 milhões de toneladas, queda de 12,3% e 9,2%, respectivamente, em relação à safra passada.

OFERTA E DEMANDA

Neste quinto levantamento, a Conab faz um ajuste de área na safra 2020/21, antes estimada em 40,4 milhões, que, neste relatório passa a ser de 40,6 milhões de hectares, com isso, a estimativa de produção da safra 2020/21 passa a vigorar em 138,15 milhões de toneladas, que, no quarto relatório era de 137,32 milhões de toneladas.

Com a divulgação da estimativa de produção de biodiesel de dezembro de 2021, feita pela Agência Nacional de Petróleo (ANP), houve um ajuste nas vendas e produção de biodiesel, gerando um pequeno ajuste no processamento de soja em grãos e, consequente, aumento na produção de farelo na safra 2020/21.

Assim, os estoques de passagem, da safra 2020/21 de grãos, passa a ser de 5,3 milhões de toneladas, ante os 4,56 milhões de toneladas do quarto levantamento.

Com problemas climáticos ocorridos principalmente na Região Sul do Brasil, a produção de soja, que, no quarto levantamento em janeiro de 2021 era de 140,5 milhões de toneladas, é estimado neste levantamento em 125,47 milhões de toneladas.

Por esse motivo, a safra 2021/22 brasileira de grãos de soja tem uma quebra de 12,68 milhões de toneladas se comparada à safra 2020/21, e de 15,02 milhões em comparação ao estimado no último levantamento.

A consequência desta quebra é uma redução de oferta que, por consequência, gera uma redução de estimativa de esmagamentos e principalmente de exportações.

Assim, as exportações para a safra 2021/22 passa da estimativa de 86,11 milhões de toneladas do relatório de janeiro de 2022 para a estimativa atual de 80,16 milhões de toneladas, uma redução de 6 milhões em relação à safra 2020/21 e redução de 9,14 milhões à estimativa de janeiro de 2022.

Para os esmagamentos, a redução seria de 3,39 milhões em relação ao relatório de janeiro de 2022, gerada, principalmente, pela diminuição da estimativa de exportações de óleo de soja que eram de 1,65 milhão de toneladas (estimativa de janeiro de 2022) e passam para estimativa atual de 1,1 milhão de toneladas.

Com a quebra de safra de grãos na Região Sul do país, principalmente no Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul, as indústrias esmagadoras destes estados devem importar um maior quantitativo de óleo de soja para suprir sua demanda em 2022, por este motivo, as importações de óleo de soja passa a vigorar em 200 mil toneladas, próxima ao ocorrido em 2020.

Dessa forma, a produção de biodiesel passa de 9,85 milhões de toneladas para 9,17 milhões de toneladas.

A venda no mercado interno de óleo de soja, com a expectativa de mistura obrigatória de biodiesel em 10% no diesel, não sofre nenhum ajuste expressivo, apenas um ajuste de estatístico de -3 mil toneladas.

Com a redução de estimativa de esmagamentos de grãos, a estimativa de produção de farelo passa a ser de 34,67 milhões de toneladas, antes os 37,27 milhões de toneladas do relatório de janeiro de 2021.

As exportações de farelo também recebem um corte de 1,03 milhão de toneladas, motivadas pela menor produção de farelo. Com isso, os estoques de farelo passam para 2,7 milhões de toneladas.

Para finalizar, os estoques de passagem de soja em grãos devem terminar o ano comercial em 2,65 milhões de toneladas, com uma redução de 2,64 milhões de toneladas se comparado aos estoques finais de 2021.

TABELA 9 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SOJA - EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
SOJA EM GRÃO	2020/21	4.220,80	138.153,00	863,70	143.237,50	51.825,50	86.109,80	5.302,20
	2021/22	5.302,20	125.471,30	900,00	131.673,50	48.854,24	80.164,28	2.654,98
FARELO	2020/21	1.473,13	36.922,02	4,36	38.399,51	17.905,36	17.210,19	3.283,96
	2021/22	3.284,19	34.678,36	4,96	37.967,51	18.507,21	16.767,60	2.692,70
ÓLEO	2020/21	414,74	9.763,71	107,12	10.285,57	8.510,92	1.650,91	123,74
	2021/22	124,00	9.169,42	200,00	9.493,42	8.119,40	1.100,00	274,02

Fonte: Conab e Secex.

Nota: Estimativa em fevereiro/2022.

Estoque de Passagem: 31 de dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL

No Paraná, a cultura teve a produtividade afetada tanto pelo deficit hídrico em novembro e dezembro, como pelo chuvoso outubro. As altas temperaturas ao longo do ciclo também colaboraram para essa queda. Apesar das precipitações mais abrangentes ocorridas em janeiro, as regiões mais a oeste, onde as lavouras estão mais adiantadas, na fase de enchimento de grãos, maturação e algumas colhidas, é difícil que haja recuperação do potencial produtivo dessa cultura, tendendo justamente para o contrário: perdas significativas nas produtividades e na qualidade dos grãos. No entanto, algumas regiões na parte mais oriental do estado estão com as lavouras em boas condições, acima de 75%, e estágios fenológicos em desenvolvimento vegetativo, floração e frutificação, e caso as condições favoráveis permaneçam, poderá chegar próximo de seus potenciais produtivos e de qualidade. A estimativa atual de produtividade é de 2.295 kg/ha, queda de 35% em relação à safra 20/21.

Em Santa Catarina, a baixa precipitação registrada desde novembro de 2021 tem provocado perdas significativas na produtividade na cultura da soja. Os prejuízos são diferenciados entre as regiões em virtude do calendário de plantio. A soja de ciclo precoce foi mais afetada em razão de a estiagem ter ocorrido na fase de floração, período mais sensível à falta de umidade no solo. Estas cultivares têm menor tempo de recuperação. A situação continua inalterada na região em que a estiagem atinge a maior intensidade, próxima ao Rio Grande do Sul. O excesso de calor e a baixa umidade relativa do ar produzem o aumento da evapotranspiração nas lavouras de soja. A soja que foi plantada em solos com pouca ou nenhuma palhada está com aparência de queimadura das plantas, tornando-se uma planta esbranquiçada e de baixo porte. A colheita deve iniciar no início de março, com previsão de 2.893 kg/ha

No Rio Grande do Sul, as condições meteorológicas de janeiro foram péssimas para a cultura da soja, que se encontrava em estabelecimento, florescimento e início de enchimento de grãos. Desde novembro a disponibilidade hídrica é menor que o esperado, com anomalias de precipitação maiores de 100 mm em todos os meses. No Sul e Planalto Superior variou de 100 a 150 mm e na Metropolitana acima de 150 mm, sendo essa a única com valores próximos da normal. Além de dois baixos volumes, as chuvas se concentraram na segunda quinzena do mês e foram precedidas por uma sequência de mais de 10 dias com temperaturas extremamente altas, beirando os 40 °C. Isso tudo tornou a situação dramática para a cultura da soja. Atualmente, temos 1% em maturação, 11% das áreas em enchimento de grãos, 41% em floração e 47% em desenvolvimento vegetativo. A situação das lavouras é, em geral, muito ruim, e depende da época de semeadura. As primeiras semeadas, ainda em outubro, já estão em fase final de ciclo, com algumas até mesmo colhidas. Essas lavouras até tiveram um estabelecimento bom,

mas a estiagem coincidiu com todas as fases críticas de definição de rendimento, ocasionando severas perdas e produtividades de menos de 600 kg/ha. Um segundo grupo, semeado em novembro, está agora em floração e enchimento de grãos, e foi severamente afetada, com ocorrência de plantas muito baixas, desuniformidade de lavouras e muito poucas vagens e grãos formados. Por fim, as lavouras semeadas no final da janela e mesmo fora de época, que estão ainda em estabelecimento, apresentam elevada morte de plântulas, desuniformidade de lavouras e crescimento estagnado. Ainda podem vir a produzir razoavelmente, mas isso depende da regularização das chuvas, o que não parece acontecer em breve. Com o retorno das chuvas em alguns locais no final do mês, torna-se difícil mensurar as perdas, já que pontualmente algumas lavouras receberam volumes bons de chuvas. Consolidado, já temos de 50% a 70% de perda nas Missões, Fronteira Oeste e parte do Centro e do Planalto Médio. No restante do Centro e Planalto Médio, Alto Uruguai e Encosta do Nordeste as perdas variam de 30% a 50%, e no Sul, Campanha, Planalto Superior e Serra de 20% a 30%. A produtividade média do estado foi reduzida no levantamento atual, passando de 3.433 kg/ha para 2.161 kg/ha, 37% a menos.

Em Mato Grosso, a safra da oleaginosa recebeu excelentes volumes de chuvas e um fotoperíodo adequado ao longo do desenvolvimento das lavouras. A colheita da soja está bem intensificada em todo o estado, com 34% dos trabalhos completos até o final de janeiro. Excelentes resultados na produtividade, com média esperada de 3.579 kg/ha e um reduzido índice de avariados. O restante das lavouras está em boas condições fitossanitárias, cujo estágio de maturação predomina na maioria dos roçados, e uma porção menor ainda se encontra em enchimento de grãos. O bom resultado da safra, até o momento, é um reflexo dos altos investimentos, semeadura dentro da janela ideal e clima

favorável. Contudo, a escassez de determinados defensivos, a exemplo de desseccantes, indica que não há produto suficiente que possa atender toda a área conforme o planejamento. Diante do impasse, os produtores estão aplicando produtos alternativos em substituição aos tracionais faltantes ou mesmo estão realizando dosagens reduzidas nas lavouras, com o objetivo de afastar a possibilidade de atrasos na colheita, o que poderia eventualmente impactar na janela de semeadura das culturas de segunda safra. No entanto, até o momento, não há evidências de que este fator afetará negativamente a produtividade média estadual.

Em Mato Grosso do Sul tem-se apresentado duas condições climáticas distintas em seu território, sendo a capital Campo Grande o divisor delas. A região centro-norte, que representa aproximadamente 26% das áreas de soja, recebeu bons volumes de chuva com distribuição adequada neste último período avaliativo. Já as precipitações ocorridas no centro-sul, que engloba 74%, caracterizaram-se por grandes variações em volumes e geolocalização, bem como presença constante de temperaturas elevadas, acima de 40 °C em muitos municípios por repetidos dias, gerando estresse hídrico que, quanto mais ao sul, maiores foram as adversidades. Como neste período houve predominância de lavouras em estágio reprodutivo (floração e enchimento de grãos), o impacto na produtividade foi relevante na região afetada.

Também ocorreu antecipação no ciclo produtivo da soja. As condições das lavouras são reflexo do comportamento do clima. Dentro da região sob atenção climática há áreas que praticamente não sofreram perdas produtivas, até aquelas em que a colheita é inviável economicamente. A ocorrência de seca também favoreceu o aumento de populações de lagartas, percevejo, tripes e ácaros em comparação à safra passada, mas não representaram perdas de produtividade diante da atuação dos

técnicos e produtores no emprego de controle efetivo. Já com relação às doenças, foi considerado um período tranquilo, tendo em vista o constante monitoramento e emprego preventivo de fungicidas, mesmo na porção estadual que manteve bom volume pluviométrico. A produtividade esperada é de 2.760 kg/ha, redução de 24% em relação à safra 2020/21.

Em Minas Gerais, o excesso de chuvas, registrado no estado entre o final de dezembro e meados de janeiro, ocasionou o aparecimento de mofo-branco em alguns municípios do estado, além do tempo encoberto reduzir a disponibilidade de luminosidade para as lavouras. Mesmo assim, as lavouras de soja do estado apresentam bom desenvolvimento e mantêm um elevado potencial produtivo. Estima-se uma área plantada de 1.941 mil hectares, com acréscimo de 2,2% em relação à safra passada. A produtividade esperada é de 3.611 kg/ha. Até o final de janeiro 75% da soja se encontrava na fase de enchimento de grãos, 15% em maturação (R7) e os 10% restantes já estavam colhidos. Ressaltamos que as áreas colhidas são de variedades precoces, cultivadas principalmente no Noroeste e no Triângulo Mineiro.

São Paulo já colheu 7% da área prevista. A expectativa é de um aumento de 4,6% da área e 1,35% na produtividade.

Em Goiás, as boas condições das lavouras foram mantidas pelo bom regime de chuvas no estado em janeiro. Dias nublados e chuvosos alongaram o ciclo da cultura, reduzindo a estimativa de área colhida para janeiro. No sudoeste do estado, onde surgem as primeiras colheitas, estava previsto que em torno de 15% poderia estar colhido até o final de janeiro, no entanto não passou de 8%. A falta de desseccantes fez com que o produtor adotasse a estratégia de manter as áreas em maturação e secagem natural. A colheita teve seu início nas primeiras semanas de

janeiro em áreas sob pivô central. Até o final de janeiro 8% da área tinha sido colhida. A previsão de produtividade é de 3.708 kg/ha.

O Distrito Federal aponta para um aumento médio de 7,3% na área de soja. Tal incremento ocorre principalmente em áreas antes ocupadas por milho primeira safra e em menor escala em áreas de pastagens. A produtividade estimada deverá se manter em 3.720 kg/ha

Em Tocantins foi iniciada a colheita, sendo as primeiras áreas colhidas de cultivares precoces. Estima-se que 2% da área foi colhida, e a produtividade média esperada é de 3.254 kg/ha. Os grãos estão com boa qualidade, atendendo os padrões de exportação. Foi registrado que a baixa luminosidade, por conta dos dias chuvosos e nublados, contribuiu para um menor tamanho dos grãos colhidos.

O clima vem favorecendo a entrada de maquinários nas lavouras e os controles fitossanitários, para o combate de pragas e doenças, visto que grande parte das lavouras se encontram em fase de enchimento de grãos

Rondônia já iniciou a colheita. Percentual abaixo do tolerável para grãos avariados e lavouras em excelentes condições. Média preliminar em Alta Floresta do Oeste de 77 scs/ha. No cone sul, parte representativa do estado, a perspectiva de produtividade está acima de 62 scs/ha.

No Pará, a região de Paragominas, que pertence a mesorregião sudeste do estado, está com 80% da área plantada. Para a região sul do estado, segundo informantes, 10% da área já está colhida, com as lavouras em excelente estado e médias de produtividade, em algumas áreas, ultrapassando 70 scs/ha. Há expectativas de uma supersafra, caso não haja problemas com a chuva até o final da colheita.

Na região oeste praticamente toda a área está cultivada, com exceção de poucas áreas onde ainda não ocorreu o plantio devido às chuvas intensas nos últimos trinta dias. A situação das lavouras é ótima, entretanto, faz-se necessário esperar a pluviosidade dos próximos dias para ver se não incorrerá em danos ao desenvolvimento.

Na Bahia, no extremo-oeste, as lavouras estão na fase de enchimento de grãos, maturação e colheita, nos manejos de sequeiro e irrigado, apresentando boa qualidade. Há relatos de presença de doenças foliares e radiculares e menor vigor nas lavouras em relação à safra passada, provavelmente devido às poucas horas de sol, excesso de chuva e atraso do manejo fitossanitário em dezembro de 2021. A colheita, mesmo que de forma incipiente, já foi iniciada.

No Maranhão houve finalização do plantio nas lavouras do sul e leste maranhense. Na segunda quinzena de janeiro, nos Gerais de Balsas, na região sul do estado, onde o cultivo foi iniciado em outubro, foi iniciada a colheita de lavouras de soja precoce, atingindo cerca de 3% da área total de soja colhida. Devido à ampla distribuição das áreas cultivadas no estado e da grande extensão do território maranhense, as lavouras se encontram em diversos estádios fenológicos, em emergência, desenvolvimento vegetativo, floração, enchimento de grãos, maturação e colheita. A produtividade média esperada está em torno de 3.260 kg/ha.

No Piauí, as precipitações ocorridas, sobretudo na região sudoeste durante o mês de novembro, dezembro e janeiro, foram determinantes para o avanço do plantio e desenvolvimento das lavouras que, até o momento, encontram-se majoritariamente em boas condições. Cerca de 5% das lavouras se encontram em estágio vegetativo, 30% em floração, 63% em enchimento de grãos e 2% em maturação. A produtividade esperada gira em torno dos

3.413 kg/ha.

QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – SOJA

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
UF	Mesorregiões	Soja - Safra 2021/2022											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RR	Norte de Roraima	M/C	C						PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M
RO	Leste Rondoniense		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	M/C	C					
PA	Sudeste Paraense		S	E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C		
TO	Ocidental do Tocantins		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense		S/E/DV	DV/F	F	EG/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
GO	Leste Goiano		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		S/E/DV	E/DV	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense		S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense		S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Oeste Catarinense	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
SC	Norte Catarinense		S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Serrana		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
RS	Noroeste Rio-grandense		S	E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		S	E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		S	E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		S	E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			

Continua

Legenda - Condição hídrica

 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



Foto 19 - Soja - Ipameri -GO

Fonte: Conab.

Foto 20 - Soja - Itiquira - MT



Fonte: Conab.



Foto 21 - Soja - MG

Fonte: Conab.

Foto 22 - Soja - Nova Ponte - MG



Fonte: Conab.

Foto 23 - Soja - Ponta Porã - MS



Fonte: Conab.

Foto 24 - Soja - PI



Fonte: Conab.

Foto 25 - Soja - RO



Fonte: Conab.

Foto 26 - Soja RS



Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, [clique aqui](#).



TRIGO

ÁREA

2.739,3 mil ha

17%

PRODUTIVIDADE

2.803 kg/ha

5,3%

PRODUÇÃO

7.679,4 mil t

23,2%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIA 146,9 mil t**PRODUÇÃO** 7.679,4 mil t**IMPORTAÇÕES** 6.500 mil t

14.326,3 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 12.549,8 mil t**EXPORTAÇÕES** 1.500 mil t

14.049,8 mil t

OFERTA E DEMANDA

Em janeiro de 2022, o mercado se encontrava com preços firmes, apesar da baixa liquidez, apenas negócios pontuais firmados e impasse entre moinhos e produtores, enquanto a indústria tentava negociar a preços mais competitivos, produtores se encontravam resistentes em ceder, tudo isso em um contexto de dólar mais baixo e preço do produto argentino também em desvalorização, o que reduz a paridade de importação. No Paraná, o trigo pão PH 78 foi cotado a R\$ 89,32 a saca de 60 quilos, apresentando discreta valorização de 0,4% e no Rio Grande do Sul, a R\$ 84,6 a saca de 60 quilos, com valorização de 2,32%.

No mercado internacional, pelo segundo mês consecutivo, as cotações apresentaram desvalorização em um cenário de preocupações mundiais com a nova variante do coronavírus, dólar valorizado em relação a outras moedas mundiais e diante do relatório divulgado pelo USDA, que apontou incremento nos estoques finais globais. A média mensal do mês em análise da cotação FOB Golfo foi de US\$ 340,90 a tonelada, apresentando desvalorização mensal de 2,63%.

Os dados preliminares do Ministério da Economia, referentes à balança comercial, apontam um volume de importações de 501,5 mil toneladas de trigo, 13% a mais que no mês passado e 22% inferior ao mesmo período do ano passado. Já as exportações, somam 648 mil toneladas, 20% superior ao que foi embarcado em dezembro de 2021 e 61,6% a mais que no mesmo período do ano passado. Pelo segundo mês consecutivo, o volume embarcado foi maior que o adquirido e isso se deve à alta cambial e ao maior percentual de trigo com PH inferior, aceitável em outros países com menor grau de exigência.

A Conab consolidou os números relativos ao quadro de oferta e demanda, no que se refere à produção, que foi de 7.679,4 mil toneladas, bem como a de área plantada (2.739,3 mil hectares). Com o aumento considerável das exportações foi alterado o montante estimado para exportações, que passou de 1.500 toneladas para 1.900 toneladas. Ademais, para suprir a demanda interna para a safra atual foi modificado também o quantitativo estimado de importações, que passou de 6.500 toneladas para 6.800 toneladas. A partir dessas modificações, estima-se que a safra 2021/22 encerre com estoque de passagem de 176,5 mil toneladas.

A Conab iniciou a divulgação dos números referentes à safra 2022/23, que será iniciada em agosto de 2022, a estimativa é que sejam cultivados 2,8 milhões de hectares de trigo no Brasil, com uma recuperação de produtividade de 8%, totalizando 2.876 kg/ha, o que poderá resultar em uma safra de 7.879,2 mil toneladas do grão.

TABELA 10 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2.015	1.381,4	5.534,9	5.517,6	12.433,9	10.312,7	1.050,5	1.070,7
2.016	1.070,7	6.726,8	7.088,5	14.886,0	11.470,5	576,8	2.838,7
2.017	2.838,7	4.262,1	6.387,0	13.487,8	11.244,7	206,2	2.036,9
2.018	2.036,9	5.427,6	6.753,1	14.217,6	12.435,8	582,9	1.198,9
2.019	1.198,9	5.154,7	6.676,7	13.030,3	12.060,6	342,3	627,4
2020	627,4	6.234,6	6.007,0	12.869,0	11.899,0	823,1	146,9
2021*	146,9	7.679,4	6.800,0	14.626,3	12.549,8	1.900,0	176,5
2022**	176,5	7.879,2	6.500,0	14.555,7	12.749,8	1.000,0	805,9

Legenda: (*) Estimativa.

(**) Previsão.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2022

Estoque de Passagem: Algodão, Arroz, Feijão e Soja: 31 de dezembro; Milho 31 de Janeiro; Trigo 31 de julho.

Para mais informações sobre o progresso da safra de trigo, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

A atual safra do amendoim tem uma estimativa de crescimento de 15,9% na área em relação à safra passada, uma produção de 700,5 mil toneladas, 17,4% maior que a safra anterior, com um incremento de 1,2% na produtividade.

Em Mato Grosso do Sul, o cultivo de amendoim é realizado na região de transição climática, assim, em relação às chuvas do período analisado, parte das lavouras sofreram com estresse hídrico. Por ser uma cultura de ciclo longo, resiste melhor a esse tipo de intempérie, reduzindo os percentuais de perdas. Todas as lavouras se encontram em enchimento de grãos e apresentam boa sanidade vegetal devido às aplicações preventivas de fungicidas e ao clima mais seco. A perspectiva é que, ao final de fevereiro, as primeiras áreas atinjam a maturação, e a colheita seja realizada a partir do início de março.

Grande parte das áreas estaduais de amendoim são cultivadas diretamente por empresas de São Paulo, que beneficiam e exportam o grão. Os produtores independentes também realizam contratos de comercialização com estas companhias, visto que em Mato Grosso do Sul não há pontos de recebimento deste produto. Dessa forma, toda a produção já tem destino acertado, com boa parte com preço negociado em contratos que garantem os custos de produção.

No Paraná, o clima seco e temperaturas altas prejudicaram o

desenvolvimento da cultura. As lavouras se encontram com 2% da área colhida, 64% em floração e 24% em enchimento de grãos. 73% das lavouras apresentam boas condições. Apesar disso, prevê-se redução de cerca de 20% da produção no estado, o que pode se agravar caso as condições climáticas não sejam favoráveis neste período mais crítico da cultura.

Em São Paulo, o amendoim é plantado em setembro e outubro, prioritariamente em áreas de reforma de canaviais, normalmente após o quinto corte daquela matéria-prima, e tem sua colheita entre março e abril, quando alcança sua plena maturação.

Essa cultura é rica em nitrogênio e, dessa forma, fortalece o solo com esse e outros nutrientes por meio da palhada, beneficiando a cultura da cana-de-açúcar. Também é bastante resistente às pragas, como os nematoides, ajudando a diminuir significativamente a infestação nas áreas onde é plantado.

A época do plantio do amendoim é definida por uma série de fatores ambientais que, além de influenciar na produtividade, também afeta a estrutura e o desenvolvimento da planta. Semeaduras em períodos não recomendados podem causar reduções drásticas na produtividade dos grãos devido a alterações negativas no desenvolvimento da planta.

Observa-se também a retomada gradativa do plantio de amendoim em várias regiões do estado devido aos preços praticados que estão atraentes e competitivos.

O produto se encontra totalmente plantado. Parte do amendoim está em desenvolvimento vegetativo e germinativo. Esse produto se encontra com 15% em germinação, 15% em floração e 70% em desenvolvimento vegetativo.

Há previsão de crescimento de 14,4% na área plantada e estabilidade na produtividade.

QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica								
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra - Safra 2021/2022						
		OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
SP	Araçatuba	S/E	E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C
	Araraquara	S/E	E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C
	Assis	S/E	E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C
	Bauru	S/E	E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C
	Marília	S/E	E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C
	Presidente Prudente	S/E	E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C
	Ribeirão Preto	S/E	E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C
	São José do Rio Preto	S/E	E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

MAMONA

A previsão é de incremento de área e da produção para a safra 2021/22, em relação à safra 2020/21, que, atualmente, está estimada em 50,1 mil hectares e 35,8 mil toneladas, respectivamente.

O Nordeste é a principal região produtora, com destaque para a Bahia. Espera-se aumento de área cultivada devido à tendência de alta nas cotações, retomada de lavouras remanescentes de safras anteriores que estavam abandonadas e expectativa de regime hídrico favorável, onde espera-se também incremento significativo na produtividade.

Na Bahia, na região centro-norte, o plantio ainda não foi finalizado. Tem-se

observado um aumento na área cultivada devido à tendência de alta nas cotações, expansão da área sobre áreas de cebola, cuja a rentabilidade tem sido reduzida.

As lavouras estão com bom desenvolvimento e ótimas condições, com carga de bagas acima do esperado, elevando ainda mais as expectativas de produtividade. As fases atuais são de germinação, desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento dos grãos.

Para o cultivo da mamona é utilizado um pacote tecnológico intermediário, com volume reduzido de fertilizantes e defensivos, plantio e colheita manual. O preparo do solo e o debulhamento das bagas são mecanizados e está sendo observado o crescimento de empreendimentos com a utilização de irrigação localizada (gotejamento). No plantio são utilizadas cultivares melhoradas, visando características agronômicas importantes como a resistência a fusariose, tolerância a seca e possuir bagas indeiscentes (não se abrem de maneira espontânea ao atingir a maturação) evitando perdas e aumentando a produtividade, destacando-se as cultivares Nordestina e a Coti.

O preço da saca do grão de mamona encerrou janeiro de 2022 registrando alta de 24% em um ano e 10% em 30 dias. No entanto, relatos dos produtores sinalizam para uma certa preocupação com a alta dos insumos e da mão de obra, o que elevaria os custos de produção.

Em Mato Grosso, a mamona segunda safra ainda esbarra em obstáculos para a sua implantação mais abrangente no estado, com seu manejo ainda incipiente, restrições de tecnologia e a concorrência com opções mais rentáveis de segunda safra, especialmente milho e algodão. A área deverá se limitar em 2 mil hectares.



Foto 27 - Mamona - Município de Canarana – BA

Fonte: Conab.



Foto 28 - Mamona - Canarana - BA

Fonte: Conab.



Foto 29 - Mamona - São Gabriel - BA

Fonte: Conab.

SORGO

Para a safra total 2021/22, a estimativa é uma redução para 841,3 mil hectares na área plantada e produção de 2,4 milhões de toneladas, 15,4% maior que o ciclo anterior.

No Maranhão, a cultura do sorgo é cultivada na região sul do estado, após a colheita da soja e do plantio de milho safrinha. A semeadura e estabelecimento das lavouras serão realizados entre o final de fevereiro e março de 2022.

Até o momento, devido ao menor interesse de cultivo, a estimativa é de uma área total semeada de 9,9 mil hectares, e com produtividade média de 2.272 kg/ha e produção de 22,5 mil toneladas.

No Piauí, as lavouras de sorgo no estado são plantadas como cultura de segunda safra, em sucessão à soja. O plantio ocorre entre o final de março e início de abril. Por ser uma cultura mais rústica e que apresenta menor exigência hídrica que o milho, alguns produtores optaram por investir nessa cultura. Informações coletadas junto a produtores sugerem a intenção de cultivo com essa cultura, mas ainda sem uma definição de área. A previsão é de aumento de 36,1% na produtividade.

No Rio Grande do Norte, a cultura do sorgo, com dupla aptidão, vem se tornando uma das principais alternativas de alimentos volumosos para os rebanhos, sobretudo os bovinos, já que a maior parte da produção da planta vai para ração animal (forragem). Como o levantamento considera somente o sorgo granífero, estima-se na presente safra uma estabilidade de área de 600 hectares, com crescimento de 31,2 na produtividade e de 40% na produção.

Na Bahia, o sorgo de primeira safra da região centro-sul o plantio já foi finalizado. A lavoura de sorgo foi a que menos sofreu com o excesso de chuvas em dezembro e a estiagem de janeiro. No entanto, não houve aumento de área em virtude dessa irregularidade, pois os agricultores priorizaram o plantio do milho em dezembro.

Já na região centro-norte, cerca de 90% da área esperada já foi plantada. Espera-se alta na produtividade em face do bom regime hídrico, bem diferente da falta de chuvas na safra passada. O desenvolvimento das primeiras lavouras está adequado, com plantas de bom aspecto de crescimento vegetativo. As áreas semeadas recentemente estão emergindo nas melhores condições, até o momento.

O sorgo torna-se uma opção em substituição ao milho nos períodos de condições climáticas mais desfavoráveis. Porém, atualmente o preço do milho configura como o motivo de substituição do grão. Portanto, a maior parte da produção deverá ser consumida nas próprias fazendas ou negociada nas localidades próximas. O cultivo é realizado com baixo uso de insumos, tendo poucos problemas com pragas e doenças, e a semente utilizada é o grão colhido na própria lavoura, na safra anterior.

Em Goiás, a umidade existente no solo, ocasionada pelas boas precipitações desde o início do período chuvoso, propiciará um bom desenvolvimento da cultura do sorgo de sequeiro de segunda safra. As informações acerca do plantio do sorgo são iniciais, e no próximo levantamento de safra teremos relatos precisos da cultura. As boas condições pluviométricas e o plantio das culturas de primeira safra, na janela adequada, incentiva o plantio de outras culturas de segunda safra em detrimento do sorgo. No próximo levantamento teremos melhores condições de análise e mensuração de área.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de verão, [clique aqui](#).



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL